CENTRO UNIVERSITÁRIO CARIOCA – UNICARIOCA

MESTRADO PROFISSIONAL NOVAS TECNOLOGIAS DIGITAIS NA EDUCAÇÃO

ELIZABETH GOMES ANDRADE

OS POVOS INDÍGENAS E O ENSINO:USO DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS COMO ALIADAS NAS AULAS DE ARTE

RIO DE JANEIRO

2024

Elizabeth Gomes Andrade

OS POVOS INDÍGENAS E O ENSINO:USO DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS COMO ALIADAS NAS AULAS DE ARTE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Novas Tecnologias Digitais na Educação do Centro Universitário UniCarioca como parte dos requisitos necessários para a obtenção do Título de Mestre em Novas Tecnologias Digitais na Educação.

Orientadora: Regina Celia Pereira de Moraes, D.Sc.

RIO DE JANEIRO
2024

ELIZABETH GOMES ANDRADE

OS POVOS INDÍGENAS E O ENSINO: USO DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS COMO ALIADAS NAS AULAS DE ARTE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Novas Tecnologias Digitais na Educação do Centro Universitário UniCarioca como parte dos requisitos necessários para a obtenção do Título de Mestre em Novas Tecnologias Digitais na Educação.

A Presidente da Banca, abaixo assinado, atesta que os membros da banca participaram desta defesa de dissertação.

Examinado por:

gov.br Documento assinado digitalmente
REGINA CELIA PEREIRA DE MORAES
Data: 02/10/2024 17:24:42-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Profa. Regina Célia Pereira de Moraes, D. Sc. (UniCarioca)
Presidente da Comissão Examinadora

Profa. Mariza Sueli de Oliveira Sodré, D. Sc. (UniCarioca)

Profa. Maria Verônica Rodrigues da Fonseca, D. Sc. (ESG)

Rio de Janeiro

2024

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem a autorização da universidade, do (a) autor (a) e da orientadora.

Ficha Catalográfica

A553P Andrade, Elizabeth Gomes

Os Povos Indígenas e o Ensino: uso das Tecnologias Digitais como aliadas nas aulas de Arte / Elizabeth Gomes Andrade. – Rio de Janeiro, 2024.
72 f.

Orientadora: Regina Celia Pereira de Moraes.
Coorientadora: Rosa Lidice de Moraes Valim
Dissertação (Mestrado Profissional em Novas Tecnologias Digitais na Educação) - Centro Universitário UniCarioca, Rio de Janeiro, 2024.

1. Visibilidade Indígena. 2. Ensino. 3. Decolonialidade. 4. Tecnologias Digitais. I. Moraes, Regina Celia Pereira, prof. orient. II. Valim, Rosa Lidice de Moraes, prof. Coorient. III. Título.

CDD 371.344

A Pedro, meu amado filho e Eduardo, meu companheiro de todas as horas. Obrigada pelo apoio, incentivo e carinho de vocês em minha jornada.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por me dar força para prosseguir na minha jornada acadêmica, sem a sua energia divina nada seria possível.

À minha família, expresso minha profunda gratidão pelo seu amor incondicional, especialmente ao meu filho Pedro, o qual eu tenho muito orgulho e ao meu esposo e companheiro de sempre, Eduardo, pelo apoio e compreensão ao longo de todo o meu percurso no Mestrado e na vida. Seus encorajamentos foram o alicerce que me permitiu perseverar nos momentos desafiadores.

Desejo agradecer a minha orientadora/professora Drª Regina Celia Pereira de Moraes, pela orientação, dedicação e valiosas contribuições ao longo deste processo. Eles foram fundamentais para moldar este trabalho e para o meu crescimento acadêmico e profissional. Agradeço profundamente por seu apoio e compromisso com a minha aprendizagem.

Agradeço também aos professores do Mestrado, suas contribuições fortaleceram meu desenvolvimento pessoal e intelectual.

Aos meus amigos e colegas de curso, como também aos professores que foram entrevistados, agradeço pelas suas valiosas contribuições na pesquisa, pela troca de ideias, pelo incentivo e pelo apoio durante esta jornada. Suas discussões e debates enriqueceram meu pensamento e contribuíram significativamente para o desenvolvimento deste trabalho.

Por fim, gostaria de agradecer a todas as fontes de inspiração, autores, artistas e pesquisadores indígenas cujos trabalhos foram citados e referenciados nesta dissertação. Suas contribuições foram fundamentais para a construção do conhecimento apresentado aqui.

Este trabalho não teria sido possível sem o apoio e contribuição de todos os mencionados. Gostaria de expressar minha sincera gratidão a todos que contribuíram para o desenvolvimento e conclusão desta dissertação.

Muito obrigada!!!

“...Porque se chamavam homens

Também se chamavam sonhos

E sonhos não envelhecem...” (Milton Nascimento – 1942)

RESUMO

A Visibilidade Indígena representou o tema desta dissertação intitulada Os Povos Indígenas e o Ensino: Uso das Tecnologias Digitais como aliadas nas aulas de Arte. A respeito deste tema, foi importante trazer a valorização dos povos originários. Esta pesquisa questionou o seguinte problema: superação de imagens exóticas e folclorizadas dos povos indígenas que ainda são usadas em sala de aula. A Lei no 11.645/2008 que determinou a inclusão da história e culturas indígenas nos currículos da Educação Básica, vem exigindo maiores conhecimentos, reflexões e novas práticas pedagógicas. Acredita-se que quebrar os estigmas que a visão eurocêntrica sempre nos impôs por visões críticas seja um caminho, para tanto foi usado apoio das tecnologias digitais. Esta dissertação teve como objetivo conscientizar sobre a importância da valorização das identidades indígenas através da sua Arte, para dar maior visibilidade à formação cultural geral, agregando neste percurso as novas tecnologias digitais. A Pesquisa Participante destacou-se como metodologia estruturante desta dissertação. Para coleta dos dados foi utilizada a pesquisa informal com os professores de primeiro e segundo segmentos da unidade escolar. Já para a análise de dados foi utilizada a Análise Descritiva de Conteúdos. Os resultados apresentados mostraram que existe uma lacuna na formação dos professores e que há necessidade de mudanças nesse sentido.

PALAVRAS-CHAVE

Visibilidade Indígena. Ensino. Decolonialidade. Tecnologias Digitais.

ABSTRACT

Indigenous visibility was the theme of this dissertation entitled Indigenous Peoples and Education: Using Digital Technologies as Allies in Art Classes. Regarding this theme, it was important to highlight the importance of indigenous peoples. This research questioned the following problem: overcoming exotic and folkloric images of indigenous peoples that are still used in the classroom. Law 11.645/2008, which determined the inclusion of indigenous history and cultures in the Basic Education curriculum, has been demanding greater knowledge, reflections and new pedagogical practices. It is believed that breaking the stigmas that the Eurocentric view has always imposed on us through critical views is a path, and for this purpose, digital technologies were used as support. This dissertation aimed to raise awareness about the importance of valuing indigenous identities through their Art, to give greater visibility to general cultural formation, incorporating new digital technologies in this path. Participatory Research stood out as the structuring methodology of this dissertation. Informal research with first and second-segment teachers of the school unit was used to collect data. Descriptive Content Analysis was used for data analysis. The results presented showed that there is a gap in teacher training and that there is a need for changes in this regard.

KEYWORDS

Indigenous Visibility. Teaching. Decoloniality. Digital Technologies.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Gráfico de caracterização do problema (pergunta 1).....32
Tabela 2 – Gráfico de caracterização do problema (pergunta 2).....33
Tabela 3 – Gráfico de caracterização do problema (pergunta 3).....34
Tabela 4 – Gráfico de caracterização do problema (pergunta 4).....35
Tabela 5 – Gráfico de caracterização do problema (pergunta 5).....36

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Aplicativo *Learningapps* onde foi criado o Jogo da Memória. 37
Figura 2 – Aluno jogando no aplicativo *Learningapps*. 38
Figura 3 – Jogo da Memória. 38
Figura 4 – *Mona Lisa Cunhã*, do artista Denilson Baniwa. 39
Figura 5 – Logo do aplicativo *Artsteps* 42
Figura 6 – (a) e (b) - alunos criando grafismos 43
Figura 7 – (a) a (h) - Alguns grafismos dos alunos. 43
Figura 8 – (a) a (d) – Alunos criando suas releituras da Mona Lisa Cunhã. 45
Figura 9 – (a) a (j) – Algumas releituras dos alunos. 46
Figura 10 – Exposição virtual no aplicativo *Artsteps*. 49
Figura 11 – Interior da exposição com outras releituras feitas pelos alunos. 50
Figura 12 – Exposição dos grafismos feitos pelos alunos no aplicativo *Artsteps*. 50
Figura 13 – Exposição sobre grafismos indígenas feitos pelos alunos no aplicativo *Artsteps*, sob outros ângulos. 51
Figura 14 – Exposição virutal montada no aplicativo *Artsteps*. 52

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO..... 14

1.1 Inquietação 15

1.2 Justificativa da Escolha do Tema 16

1.3 Tecnologia na Educação.....17

2. BASES DA PESQUISA.....18

2.1 Problema da Pesquisa:.....18

2.2 Objetivo Geral.....19

2.3 Objetivos Específicos 19

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....20

3.1 As mudanças curriculares no Brasil na perspectiva da diversidade étnica 20

3.2 A temática indígena na escola sob um aspecto decolonial 21

3.3 O protagonismo indígena na ciência e nas artes 23

4. PERCURSO METODOLÓGICO 28

Etapa 01 - Pesquisa Preliminar 28

Etapa 02 – Pesquisa de Campo.....29

Etapa 03 – Aplicação do Produto Tecnológico em sala de aula 29

Etapa 04 – Avaliação do Produto Tecnológico.....31

Etapa 05 - Desenvolvimento do E-BOOK contendo a metodologia da pesquisa 31

5. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS 32

5.1 Pesquisa Preliminar.....32

5.2 Aplicação do Produto Tecnológico em sala de aula.....37

5.3 Avaliação do Produto Tecnológico.....41

6. CONCLUSÃO.....53

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 56

Apêndice I - TCLE.....59

Apêndice II - TALE 62

ANEXOS..... 65

Anexo I - Termo de Anuência Institucional 65

Anexo II – Aprovação da Plataforma Brasil para a realização do campo 66

1. INTRODUÇÃO

Esta dissertação tratou acerca do tema visibilidade indígena na escola. É importante salientar que a Lei 11.654/08 trouxe a obrigatoriedade da abordagem das culturas indígenas para o espaço escolar, houve avanço de uma possível garantia de incluir no currículo a sua contribuição. Porém, ainda vemos que mesmo após 16 anos, não é bem isso que ocorre, uma vez que é colocada em prática apenas em datas específicas. Muitas vezes para cumprir um projeto escolar. É lamentável que toda a riqueza cultural dos povos originários seja reduzida a datas comemorativas. A invisibilidade das obras indígenas demonstra a forma elitista, do mundo da arte, onde o destaque está nas obras com qualidades estéticas eurocêntricas, como aponta Tavares (2018).

Conhecer, estudar, pesquisar os povos de origem indígena é mergulhar na memória dos povos originários e também conhecer a diversidade étnica que compõe nossa nação. Ainda é comum pensar na arte indígena como uma arte antiga, vista de forma preconceituosa, restringindo as obras, como se fossem somente utilitárias. A arte indígena tem um papel social importante. É expressão que fortalece a identidade cultural das comunidades e contribui para o senso de pertencimento, além de preservar os valores tradicionais. As técnicas e os conhecimentos transmitidos nas produções artísticas são formas de conexão com a história, a diversidade cultural, a ancestralidade, promovendo a valorização da identidade, a autoestima, os conhecimentos e o empoderamento dos povos indígenas.

No Brasil, há uma riqueza cultural muito diversificada dos povos indígenas, que se manifesta principalmente através da cerâmica, das máscaras, da cestaria, da arte plumária, do idioma, das pinturas corporais, da culinária, da medicina, da tecelagem, da música, do grafismo, da dança e da mitologia. E, possibilitar o educando conhecer e se aproximar dessas formas de cultura foi o objetivo dessa proposta.

Segundo Silva (2012), percebe-se que em muitas ocasiões, a escola é uma das instituições responsáveis pela veiculação de ideias, imagens e informações equivocadas a respeito dos indígenas no Brasil. Ainda é comum na maioria das escolas, principalmente no universo da Educação Infantil, que no dia 19 de abril, Dia dos Povos Indígenas, se repitam práticas como enfeitar as crianças, pintar seus rostos, confeccionar penas de cartolina para colocá-las em suas cabeças. Tais imagens exóticas e folclorizadas devem ser superadas por visões críticas sobre os povos indígenas. É importante trazer para os currículos escolares uma visão que desconsidere

um julgamento de valor, já que a escola é o espaço onde temos um amplo cenário da diversidade em nossa sociedade (Da Costa Polonia e Soares Filho, 2019).

A escola tem o papel de desconstruir estigmas, produzir conhecimento e saberes significativos em que haja espaço para incentivar o intercâmbio de experiências. Mostrar que o indígena está na floresta, na cidade, na periferia, nas aldeias, na literatura, na academia, na política, na música, nas artes, na moda, no cinema, enfim, está em todos os lugares. Os povos indígenas desempenham papéis significativos na sociedade contemporânea em esfera mundial.

1.1 Inquietação

A minha relação com o tema indígena surgiu de uma inquietação que sempre me acompanhou enquanto professora de Arte[1] nas escolas nas quais atuei. Confesso que uma questão que sempre me incomodou, é a escola "fantasiar" os alunos no dia 19 de abril e achar que isso é trabalhar a cultura indígena.

O professor, especialmente da Educação Infantil, pinta os alunos e os veste com roupinhas de papel pardo e cocares feitos de cartolina. Os alunos saem da escola “fantasiados” de indiozinhos. São ações que a escola ainda pratica de forma alegórica e folclorizada sobre os povos originários. Muitas vezes o professor reproduz velhas práticas ou não sabe como fazer para a “data” não passar em branco. Práticas que contribuem para a leitura de imagens preconceituosas, desconexas da sociedade de um indígena que ainda vive isolado, um ser genérico e desvinculado das mais de 300 etnias que, segundo os dados preliminares do Censo de 2020 do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) apresentaram.

É dever da escola preparar os educandos para a leitura consciente da imagem, haja vista que a maior parte de nossa aprendizagem é visual e nossa sociedade contemporânea apresenta-se cada vez mais imagética e, em muitas ocasiões, manipuladora. A leitura crítica das imagens faz-se necessária para que os alunos adquiram a habilidade de “ler”, interpretar e entender a informação apresentada na imagem gráfica, não só na disciplina de Artes, mas de uma forma geral.

A história contada seja ela nas atividades para compor um projeto escolar sobre a temática indígena ou aquelas dos livros didáticos, muitas vezes, é de cunho colonial e eurocêntrico onde

[1] Em alguns momentos utilizar-se-á a palavra Arte com sua inicial maiúscula, tanto para demonstrá-la como disciplina escolar quanto para enfatizar a importância da visibilidade da Arte indígena.

raramente a visão dos povos colonizados são relatados como protagonistas e que têm lugar de fala. Os povos originários diversas vezes ficam de fora quando se fala na constituição do povo brasileiro e suas contribuições são pouco mencionadas.

Faz-se necessário que o professor planeje atividades as quais mostrem que os povos originários estão em muitos setores da sociedade, como: na música, na política, no cinema, na novela, na fotografia, na moda, na literatura, na arte, na medicina, enfim, estão em todos os lugares em que eles desejem estar. Isso é importante para romper com os estereótipos que foram criados sobre os indígenas e dar visibilidade ao seu protagonismo na sociedade.

1.2 Justificativa da Escolha do Tema

Seguindo as orientações da Resolução CNS no 466/12, este trabalho buscou seguir os princípios científicos do conhecimento, com pesquisa, debate e interação entre os alunos e entre estes e a professora. Uma vez que se buscou um letramento científico sobre a questão indígena não só nesta turma, mas também na relação com os professores que estão envolvidos no seu trabalho, percebeu-se poucas evidências de que a visibilidade indígena seja tratada de forma concreta pelos professores em sala de aula. Neste sentido, esta dissertação buscou fundamentar-se nessa experiência extraordinária que é levar o letramento científico indígena para a sala de aula, a fim de que os alunos possam conhecer os artistas contemporâneos indígenas, debater sobre estes signos e através do lúdico, fazer um jogo da memória para que essa experiência seja bem sucedida afetivamente.

No entanto, não há um extenso material a ser consultado sobre o assunto, uma vez que, muitos professores desconhecem a nossa rica mitologia indígena, as suas pinturas e toda a diversidade cultural desses povos, ainda mais que este trabalho está buscando associar as novas tecnologias digitais a todo esse conhecimento. Acredita-se que fazer essa pesquisa vai ajudar os alunos a se posicionar sobre a sua própria origem, seja o aluno indígena ou não e também aos professores da escola e a escola como um todo.

Certamente, não se viu que há possibilidade levar esse conhecimento, a não ser em termos de uma pesquisa em sala de aula, pois estamos seguindo o programa oficial da Secretaria de Educação, apenas inovando em termos de tecnologia e métodos e metodologia. Queremos aprofundar e trazer valores que muitas vezes são desconhecidos da nossa cultura, valores indígenas, os povos originários.

Para levar esse conhecimento para as escolas, viu-se a necessidade de introduzir exercícios e boas práticas no ensino e afirma-se que a educação é um meio valioso para levar esse conhecimento para a sociedade, aos alunos, aos responsáveis e para os professores. Uma vez que há uma rede, o aluno não é isolado da sua família, dos outros alunos, dos professores, sendo assim, essa rede onde eu trabalho vai poder considerar a importância de tratar do assunto de uma forma cultural, incorporada nas suas estruturas escolares. Certamente, posso afirmar que outras formas de levar o assunto foi considerado, como reunião de pais e professores ou mesmo reuniões de professores ao longo de uma jornada pedagógica, mas essas duas alternativas, seriam muito episódicas, diante da grandeza do programa oficial do Ensino Fundamental I e II e deixariam de lado o principal ator desta dissertação, que é o aluno.

1.3 Tecnologia na Educação

A utilização das ferramentas digitais está sendo muito empregada pelos indígenas como forma de difundir suas ideias, suas culturas, sua música, sua arte, sua fala e seu modo de ser, uma vez que apresentam a sua história em primeira pessoa, contada por eles mesmos, onde são os protagonistas. Sua integração é de extrema relevância e potencial transformador. Segundo Pereira (2018) e Domingues (2017), são muitas as etnias indígenas que têm utilizado atualmente as tecnologias para dar visibilidade e fortalecer suas identidades. Muitas são as plataformas e ferramentas que eles usam, algumas têm se destacado: *Facebook, Instagram*, *Twitter*, YouTube, *TikTok*, Podcast e outras. De acordo com Pereira (2018), ainda há pouco estudo acadêmico sobre o assunto.

Na pesquisa utilizamos dois aplicativos para tratar a visibilidade indígena. O aplicativo *Artsteps*, usado para trabalhar a arte indígena contemporânea e o Jogo da Memória, criado no aplicativo *Learningapps*, utilizado como um jogo de introdução para que os alunos interagissem com imagens das culturas indígenas. Ambos foram importantes para fazer com que os eles atuassem de forma colaborativa. Eles ofereceram um enfoque inovador e dinâmico durante a aplicação da pesquisa. Os alunos tiveram a oportunidade de vivenciar uma experiência significativa com a arte indígena contemporânea em uma relação de respeito e reflexão para compreender o outro sobre sua diversidade. Conforme destaca Guimarães (2020), o uso das tecnologias digitais em sala de aula, provocam mudanças significativas na educação escolar, tornando a aprendizagem mais eficaz e proporcionado um maior aprendizado.

2. BASES DA PESQUISA

2.1 Problema da Pesquisa:

O problema que apresento nesta dissertação é a superação de imagens exóticas e estereotipadas sobre a temática indígena no ensino. Tendo como título: **Os Povos Indígenas e o Ensino: Uso das Tecnologias Digitais como aliadas nas aulas de Arte.**

Com a Lei 11.654/08 que trata da obrigatoriedade da abordagem da cultura indígena no espaço escolar, houve avanço de uma possível garantia de incluir no currículo a sua contribuição. Percebemos o quanto são importantes políticas públicas e leis que garantam uma educação que inclua, respeite e valorize as diferenças culturais, reconhecendo o outro como sujeito de direito e ator social.

O Brasil, historicamente, é marcado pela escravização, a negação do outro, e pelos conflitos raciais. Esta lei insere-se em uma política afirmativa e necessária tendo as escolas como um caminho possível de mudança, visto ser um ambiente de formação de identidades individuais e coletivas e a educação uma prática transformadora.

Para Candau (2008), é importante questionar o etnocentrismo e o monoculturalismo que sempre estiveram presentes nos currículos escolares. Sendo assim, a autora levanta muitas questões importantes sobre as feridas que acompanham a educação, como o apagamento de determinadas culturas, a "eliminação" do outro e o seu silenciamento.

Penso que o maior desafio para inserir a Cultura Indígena, é trazer visibilidade aos nossos ancestrais. Quebrar os estigmas que a visão eurocêntrica sempre nos impôs. Essa é a nossa função enquanto educadores. Mostrar o quão é rica a diversidade cultural dos povos indígenas. A escola tem o papel de tentar desconstruir preconceitos, produzir conhecimento e saberes significativos em que haja espaço para incentivar o intercâmbio de experiências.

Diante do bombardeio de imagens que nos cercam no dia a dia, a Arte aliada às tecnologias é um canal poderoso para trabalhar a importância das várias culturas indígenas que compõem a nossa interculturalidade.

A inserção das tecnologias digitais no processo educacional é uma realidade que reflete a forma como as novas ferramentas tecnológicas têm se inserido, cada vez mais, na realidade das crianças e jovens, atuando no aprendizado e no seu desenvolvimento social. Segundo Guimarães (2020, p. 21), "[...] quando o professor utiliza tecnologia em suas aulas, os alunos

mantem o foco e a atenção interagindo em uma aprendizagem ativa, o que resulta em um melhor aprendizado dos conteúdos.”

Nas aulas de Artes, por exemplo, os recursos digitais são aliados na produção de conhecimento artístico. Para tanto, o professor pode promover atividades de reflexão e de curadoria utilizando as ferramentas que as tecnologias dispõem, tais como aplicativos, visitas virtuais a museus, realidade aumentada, jogos, criação de blogs, programas de desenho, manipulação de imagens por meio de aplicativos, criação de animações e programas de edição de imagens. Cabe ao docente buscar a constante atualização dos saberes e pôr em prática o ensino mediado pelos recursos digitais que temos disponíveis para tornar as aulas mais atrativas. Enfim, as possibilidades são múltiplas. Sendo assim, as tecnologias digitais podem auxiliar como ferramentas interativas de ensino, possibilitando um maior e mais significativo aprendizado dos alunos.

2.2 Objetivo Geral

- Conscientizar sobre a importância da valorização das identidades indígenas através da sua Arte, para dar maior visibilidade à formação cultural geral, agregando neste percurso as novas tecnologias digitais.

A proposta que tratou o objetivo geral foi fazer um estudo sobre a visibilidade indígena em uma proposta decolonial, ou seja, valorizar as múltiplas etnias e culturas dos povos originários, saindo de uma estética eurocêntrica, a qual ainda está muito presente nos currículos escolares e trazendo uma abordagem em que se respeite a diversidade cultural.

2.3 Objetivos Específicos

- Identificar problemas em relação à utilização da temática indígena em sala de aula; durante os anos do ensino fundamental I e II, em Artes;

- Identificar boas práticas em sala de aula na transmissão de valores que considerem no programa a identidade indígena para uma educação unilateral (completa, abrangente) dos alunos;

- Demonstrar soluções em tecnologias digitais de baixo custo, fácil instalação, uso e bom desempenho;

- Avaliar o produto tecnológico utilizado.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 As mudanças curriculares no Brasil na perspectiva da diversidade étnica

A partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional n. 9.394 de 1996, especificamente no artigo 26, onde o ensino de História do Brasil deve contemplar as contribuições das diferentes culturas e etnias para a formação do povo brasileiro, especialmente das matrizes indígena, africana e europeia, podemos perceber que há uma tentativa inicial de trazer a contribuição da diversidade étnica para os currículos escolares.

As questões étnicas recebem mais destaque e força com a promulgação da Lei n. 10.639 em 2003, que implementa a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Africana e Afro-brasileira. Em 2008, essa lei sofreu alterações com a inclusão da obrigatoriedade do ensino de História e Cultura dos povos indígenas, por meio da Lei n. 11.645 as escolas brasileiras passam a incluir em seus currículos, além da história e da cultura afro-brasileira, também a história e a cultura indígena, tanto para os alunos do ensino fundamental quanto para os alunos do ensino médio, nas escolas públicas e privadas. De acordo com essa lei, os temas deverão ser ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, mas, em especial, nas disciplinas de Artes, Literatura e História do Brasil.

Segundo Silva (2012), tratar a temática indígena no ensino, significa conhecer os povos indígenas: sua História, as diversidades socioculturais, as formas de ser e de viver das várias etnias, os rituais, os mitos, as formas de expressão artística, as habitações e a maneira de se relacionar com o meio ambiente são exemplos de fatores que se diferenciam. Mas essa diversidade não significa que a cultura dos povos indígenas seja inferior.

Em razão da Lei n. 11.645/08 tornou-se obrigatório o conteúdo da temática indígena nas universidades de formação de professores e, principalmente nos cursos de Pedagogia que segundo Silva (2017), vem erroneamente sendo incluída uma cadeira nomeada por Educação Indígena. Quando, na verdade, o correto seria uma cadeira sobre o ensino da temática indígena, de acordo como autor.

Ainda, segundo Silva (2017), a formação para o professorado e os agentes que atuam na Educação no âmbito das relações étnico-raciais sobre a temática indígena talvez seja o maior desafio a ser enfrentado. A formação específica tem que ser pensada em duas frentes: nos cursos de licenciatura e de formação para o magistério; e para aqueles/as professores/as em exercício docente e demais profissionais que atuam na Educação. Para os professores que estão no exercício de suas funções em sala de aula, é necessário que haja formação oferecidas pelas redes de ensino, seja estadual ou municipal. Nos últimos tempos, em várias cidades, o Ministério Público tem exigido desses órgãos ações para implementação da Lei n. 11.645/08. Muitas secretarias ao procurar atender as exigências, em geral, têm improvisado formações realizadas em curtíssimos espaços de tempo, às vezes, uma manhã ou uma tarde, de forma massiva reunindo professores e os/as profissionais da Educação de todos os níveis e modalidades de ensino em grandes auditórios.

É recomendável sempre que possível a participação efetiva de indígenas nesses cursos de formação, pois suas experiências de vida, narrativas e expressões socioculturais contribuem para desmistificações e o conhecimento sobre os povos indígenas. Bem como, são recomendáveis visitas pedagógicas de professores, profissionais da Educação e estudantes a aldeias e também de indígenas nas escolas. Esses intercâmbios são oportunidades poderosas de aprendizados sobre os povos indígenas.

Segundo Candau (2012), para desejarmos maximizar os procedimentos de aprendizagem escolar visando assegurar a todos o direito à educação, é crucial destacar a importância de abordar e valorizar as diversas expressões culturais presentes nos ambientes educacionais, a interculturalidade.

Portanto, abordar a inclusão da diversidade cultural no currículo escolar acima de tudo é reconhecer as especificidades de determinados grupos humanos, que cada um de nós tem as suas características, sua cultura, sua identidade, seu modo de ser. Nenhuma delas deve ser vista como superior em detrimento de outra, mas elas se completam, se complementam. O reconhecimento da diversidade étnica representa a garantia do direito à diferença, onde inclua e valorize as identidades dos povos originários.

3.2 A temática indígena na escola sob um aspecto decolonial

O trabalho com as datas comemorativas está presente na Educação Infantil como um aspecto rotineiro das atividades de sala de aula. Muito tem-se discutido sobre o sentido que

essas datas têm no currículo da Educação Infantil, principalmente nas aprendizagens e vivências que as crianças têm tido, devido à frequente descontextualização e fragmentação em que o trabalho com as mesmas resulta. Além disso, outra questão importante é a folclorização, os preconceitos e estereótipos que as datas envolvem quando se tratam de grupos sociais e culturais.

Tomando como exemplo o Dia dos Povos Indígenas, observa-se que ainda é muito usual que esse dia seja 'comemorado' com pinturas faciais, confecção de cocares e saias de papel, entre outros, que desvalorizam a cultura indígena e partem de uma imagem de índio genérica, folclorizado e preconceituoso, segundo Silva (2015).

As autoras Collet et al. (2013) constataram que a mesma imagem genérica do índio que a escola transmitia há 60 e 80 anos atrás continua em vigor nas práticas escolares. Os alunos, especialmente da Educação Infantil, continuam aprendendo que o indígena é um ser vinculado ao passado, como alguém que só vive na floresta, como um ser preguiçoso que ocupa muitas terras sem torná-las produtivas, causando atraso para o país, sendo-lhe atribuídos diversas características negativas tais como: bárbaro, canibal, selvagem, preguiçoso. Ainda é visto como aquele que vivia na época da invasão dos portugueses ao Brasil de forma isolada da sociedade, sem entender seu papel atual, suas perspectivas e lutas sem atentar para a grande diversidade cultural das mais de 300 etnias presentes no Brasil. Tudo isso está ligado a uma visão construída pelo colonizador europeu.

Barroso (2018) destaca que as datas comemorativas podem ser uma das estratégias para nutrir e valorizar memórias e identidades. Sendo a Educação Infantil a primeira etapa da educação básica, cujo objetivo é formar integralmente a criança, considerando os princípios das sociodiversidades, e ainda diante da Lei n. 11.645/08, é importante para trabalhar as identidades positivas, não apenas de si, mas, principalmente, dos outros. Não podemos apenas trabalhar com a temática indígena de forma esporádica e estereotipada, mas, sim, proporcionar a reflexão e conhecimento das diferentes culturas indígenas, suas lutas no presente e passado, sua história e suas contribuições para a sociedade e o meio ambiente. Os movimentos sociais indígenas têm lutado historicamente para reivindicar transformações no mundo moderno-colonial.

Sob um aspecto decolonial, a temática indígena na Educação Infantil, assim como nos demais níveis, etapas e modalidades de ensino, deve partir de princípios interculturais e éticos. A abordagem da temática indígena na educação deve ser fundamentada na equidade entre as diferentes maneiras de compreender, existir, refletir e interagir com o mundo.

De acordo com Walsh (2018), o pensamento ou postura decolonial sustenta que a estrutura da sociedade foi forjada por meio das violências perpetradas durante o processo de colonização, abrangendo o genocídio indígena, a escravização dos povos africanos e a subjugação de diversas culturas e modos de vida. Essa abordagem procura questionar e confrontar as estruturas de poder, narrativas históricas e epistemologias eurocêntricas que continuam a exercer influência nas dinâmicas sociais contemporâneas. O objetivo da perspectiva decolonial é fomentar a descolonização do pensamento, das instituições e das relações sociais, com a intenção de reconhecer e valorizar as perspectivas e conhecimentos historicamente marginalizados e oprimidos. Decolonizar a educação implica que os atores do processo educativo sejam construtores ativos desse processo, em um diálogo de igualdade rumo à construção de uma sociedade melhor e mais justa, mais plural, diversa e humana.

3.3 O protagonismo indígena na ciência e nas artes

Nas décadas de 70 e 80, os povos indígenas do Brasil começaram a se conscientizar sobre a importância de se unirem e lutar por seus direitos. Eles perceberam a necessidade de uma abordagem política para encarar os desafios que enfrentavam.

Segundo Baniwa (2014), líder indígena, ativista, educador, antropólogo, filósofo e escritor brasileiro da etnia indígena Baniwa, a questão da terra era uma das principais preocupações dos povos indígenas. Eles buscavam a garantia de suas terras ancestrais, muitas vezes ameaçadas por invasões e exploração. Além da terra, os povos indígenas também lutavam por acesso adequado à saúde e educação, buscando melhorias nas condições de vida de suas comunidades. A preservação e promoção de suas culturas tradicionais também eram temas centrais. Os povos indígenas buscavam proteger suas tradições e idiomas.

Durante essa época, diversas organizações não governamentais (ONGs), universidades e a Igreja Católica (por meio da pastoral indígena e do Conselho Indigenista Missionário - CIMI) se uniram aos povos indígenas como aliados na luta por seus direitos. Isso marcou uma mudança significativa, pois quebrou o monopólio do Estado e das missões religiosas como os principais atores no relacionamento com as comunidades indígenas.

Ainda segundo o antropólogo indígena Baniwa (2014), o movimento indígena brasileiro começou a colocar os próprios indígenas como protagonistas de sua história. Isso significa que eles estavam assumindo um papel ativo na definição de suas demandas e na condução de suas lutas. Gersem Baniwa continua na luta pelos direitos indígenas e também por um ensino

decolonial, dando voz às perspectivas dos povos colonizados. Ele defende uma educação intercultural, um diálogo entre saberes sem hierarquia. Atualmente é professor da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Em 2022, ocupa o cargo de professor efetivo da Universidade de Brasília (UNB).

Uma figura marcante e atuante no cenário do movimento indígena brasileiro é Ailton Krenak, nascido em 1953 na região do vale do rio Doce em Minas Gerais, destaca-se como ativista do movimento socioambiental e defensor dos direitos dos povos indígenas. Sua contribuição inclui a participação na fundação da Aliança dos Povos da Floresta e na criação da União das Nações Indígenas (UNI).

Desempenhou um papel fundamental na conquista dos Direitos Indígenas durante a Constituinte de 1988. Além de suas atividades como líder indígena, Krenak é reconhecido como ambientalista, filósofo, poeta e escritor. Ele também recebeu o título honorário de doutor pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Em 2023, foi eleito o primeiro indígena imortal da Academia Brasileira de Letras.

Um fato histórico sobre a luta dos povos indígenas foi o pronunciamento proferido pelo líder indígena, em setembro de 1987, durante a Assembleia Nacional Constituinte. Do púlpito da Câmara dos Deputados, enquanto apelava às lideranças políticas pela aprovação de uma emenda constitucional que tratasse dos direitos indígenas, Krenak aplicava tinta preta de jenipapo em seu próprio rosto, um produto tradicional de luto utilizado por sua etnia, os Krenaks. Este gesto representava um protesto contra o temor de não aprovação da emenda.

O impactante discurso capturou a atenção do país e, graças aos esforços de Krenak e de outras lideranças da época, um capítulo dedicado à proteção dos direitos dos indígenas foi incluído na Constituição, uma conquista inédita naquele momento. Esse avanço permite, por exemplo, que violações de direitos sejam questionadas em cortes internacionais, algo que era impossível antes de 1988.

Esse período foi crucial para o fortalecimento do movimento indígena no Brasil e para o avanço na garantia de direitos fundamentais para essas comunidades. No entanto, a luta continua, já que os desafios enfrentados pelos povos indígenas persistem até os dias de hoje. Com o aumento do contato e convívio entre indígenas e não indígenas, os povos indígenas tiveram a oportunidade de adquirir conhecimento e acesso às tecnologias de comunicação. Isso incluiu o aprendizado sobre o uso de dispositivos eletrônicos, acesso à internet e o uso de ferramentas digitais para comunicação e documentação.

Com essas novas habilidades e recursos, os povos indígenas puderam documentar suas experiências, culturas e tradições. Isso incluiu a produção de textos escritos, gravação de sons, filmes e outras formas de mídia que permitiram registrar e compartilhar suas histórias e perspectivas.

A capacidade de registrar e compartilhar suas vivências contribuiu para o fortalecimento da identidade cultural dos povos indígenas. Eles puderam preservar e promover suas tradições de maneira mais eficaz, tornando-se agentes ativos na representação de suas culturas.

Eles passaram a usar ferramentas de comunicação e mídia para sensibilizar o público sobre suas questões e demandas, bem como para pressionar por políticas e direitos indígenas. O aumento do contato com o mundo exterior também fortaleceu a consciência política dos povos indígenas. Hoje temos a representação política com a Bancada do Cocar, para garantir de fato a sua fala, sem que haja um porta voz que não seja indígena para lutar por seus direitos.

É importante destacar que, apesar desses avanços, muitos desafios persistem, como a luta contínua pela demarcação de terras, a preservação das culturas tradicionais e a garantia de direitos fundamentais. A relação entre indígenas e não indígenas é complexa, e as intervenções precisam ser sensíveis às necessidades e desejos das comunidades indígenas, respeitando sua autonomia e diversidade cultural.

Um outro autor que trata dos movimentos indígenas é Brighenti (2016), segundo ele embora haja uma história mais longa de interações entre povos indígenas e não indígenas desde o século XVI foi a partir dos anos 70, um período caracterizado pela ditadura militar e pela intensificação da exploração das terras indígenas, que os movimentos indígenas que conhecemos hoje no Brasil ganharam força. Esse contexto desafiador impulsionou os povos indígenas a se organizarem e lutarem por seus direitos.

De acordo com Domingues (2017), muitos indígenas estão utilizando as tecnologias, enquanto estratégia política para dar visibilidade e fortalecimento às suas reivindicações e (re)construções identitárias. Não podemos deixar de mencionar Potyra Tê Tupinambá, advogada que vem desde 2006 atuando junto ao Ponto de Cultura Índios *On Line*, desenvolvendo ações de Cidadania para que os indígenas historicamente excluídos conheçam seus direitos e assim se fortaleçam para lutar por seus direitos ancestrais. Ela e outros líderes indígenas desempenham um papel importante ao desafiar essas noções cristalizadas. Eles mostram que as culturas indígenas são dinâmicas e capazes de se adaptar às realidades modernas, ao mesmo tempo em que preservam elementos essenciais de suas tradições. A

narrativa contundente de Potyra Tê Tupinambá e outros líderes indígenas destaca a importância de reconhecer a diversidade e a complexidade das identidades indígenas.

Essa quebra de estereótipos e a promoção de uma compreensão mais abrangente das culturas indígenas são fundamentais para o fortalecimento do movimento indígena e para a defesa de seus direitos. Além disso, essa abordagem permite que os próprios indígenas sejam vistos como agentes ativos na definição de suas identidades e na construção de seus futuros, em vez de serem definidos por visões externas. Segundo Potyra Tê Tupinambá (2016):

> Quando seu filho chegar hoje em casa todo lindo pintadinho de índio batendo na boca e fazendo Hu Hu Hu... conte a verdade pra ele! Não permita que a mentira sobre nós indígenas se perpetue... nós não somos seres do passado ... estamos vivos. Tem índio em todas as partes do Brasil e não só na Amazônia. Índio não é só aquele com olhinhos puxadinhos e cabelo preto e liso... somos diferentes... cada povo foi se constituindo ao longo dos séculos... séculos e séculos de opressões e massacres...Ensine seu filho a respeitar a diferença!!![2]

Na Arte Contemporânea, temos vários exemplos de artistas indígenas que trazem em sua arte a visibilidade indígena, em uma estética de resistência onde os elementos das culturas indígenas são valorizados e levantam questionamentos sobre o apagamento de suas histórias.

Os artistas são muitos, como Daiara Tukano, nascida em São Paulo em 1982, é uma artista, muralista, comunicadora e educadora cujas obras destacam a sabedoria e ancestralidade indígena. Sua expressão artística abrange uma variedade de formatos e técnicas, incluindo murais em empenas de edifícios, pinturas e desenhos em nanquim. Para além de seu trabalho artístico, Daiara é uma presença significativa nas discussões sobre direitos humanos e se destaca como uma voz forte na liderança indígena no Brasil.

Graduou-se em Artes Plásticas pela Universidade de Brasília (UnB), em 2011, e prosseguiu com o mestrado em Direitos Humanos e Cidadania na mesma instituição. Sua pesquisa, intitulada "Questão indígena no ensino brasileiro: análise e crítica dos materiais pedagógicos criados em função da lei 11.645/2008", enfatiza o direito à memória e à verdade dos povos indígenas, explorando suas relações com a educação. Além disso, Daiara é militante dos movimentos indígena e feminista, contribuindo para a Rádio Yandê, a primeira web rádio indígena do Brasil, que tem como objetivo colaborativo a difusão da cultura indígena.

---

[2] Disponível em: *http://www.indiosonline.net/quando-seu-filho-chegar-hoje-em-casa-todo-lindo-pintadinho-de-indio-batendo-na-boca-e-fazendo-hu-hu-hu-conte-a-verdade-pra-ele/.* Acesso em:09/10/23.

Ela se destaca como a primeira artista indígena a criar o maior mural de arte urbana no Brasil. A obra intitulada "Selva Mãe do Rio Menino" (2020) ocupa mais de 1.000 m² no Edifício Levy, localizado na região central de Belo Horizonte, como parte do 5º Circuito Urbano de Arte (CURA), um significativo festival de arte urbana em Minas Gerais. A obra retrata, com cores vibrantes, uma mãe carregando seu filho, simbolizando a mãe natureza que sustenta o rio menino, nascido onde a mata e a selva são preservadas, destacando assim a importância da preservação ambiental.

Outro artista que não podemos deixar de mencionar é Denilson Monteiro Baniwa, nascido em 1984, na aldeia Darí, Barcelos, Amazonas. É um artista visual e curador que mescla as linguagens visuais da tradição ocidental com as de seu povo em sua obra. Utilizando performance, pintura, projeções a laser e imagens digitais, ele explora as questões dos direitos dos povos originários, o impacto do sistema colonial e a valorização da cultura indígena, além de propor reflexões sobre a condição atual dos indígenas.

Sua jornada começou em espaços de resistência ligados aos movimentos indígenas na região amazônica, onde teve contato com várias aldeias e povos. Além de seu trabalho na Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (COIAB), atuou como produtor de programas em diversas rádios. Estudou ciência da computação na Universidade do Estado do Amazonas, seus conhecimentos foram fundamentais para apoiar projetos e contribuir para o uso de sistemas de informação geográfica via satélite, sendo um dos pioneiros na utilização dessa tecnologia para a proteção dos Territórios Indígenas. Ele desempenhou um papel essencial no Centro Acadêmico de Formação Indígena, que ajudou a fundar em 2004, em Manaus.

Em 2013, passou a residir em Niterói, no Rio de Janeiro. No mesmo ano, em parceria com a jornalista Renata Tupinambá (1990) e o comunicador Anápuáka Muniz Tupinambá Hãhãhãe (1976), fundou a Rádio Yandê, um dos projetos mais relevantes para a difusão e valorização da cultura indígena. O nome da rádio significa "nós/nossos" na língua Tupi, sendo a primeira rádio indígena do Brasil, com alcance em 70 países e milhares de acessos diários na internet. A Rádio Yandê transmite programas informativos sobre a realidade indígena no Brasil e apresenta música de todos os gêneros produzida por indígenas, incluindo as tradicionais de cada etnia.

4. PERCURSO METODOLÓGICO

A pesquisa foi realizada na E. M. Pastor Ricardo Parise, que fica localizada no município de São Gonçalo. Foi enviado um questionário com perguntas abertas para doze professores da escola, onze responderam. A Pesquisa Participante destacou-se como metodologia estruturante desta dissertação, pois na escola só há uma professora de Artes. De acordo com Gil (2008, p.31), "a pesquisa participante se caracteriza pelo envolvimento dos pesquisadores e dos pesquisados no processo de pesquisa." Sendo assim, esta foi a pesquisadora e a professora regente. A Pesquisa Participante é uma abordagem metodológica que visa envolver ativamente os sujeitos da pesquisa no processo de investigação. No contexto da educação e tecnologias de ensino esta metodologia se mostra relevante para examinar como a visibilidade do indígena pode ser aprimorada em sala de aula. Para coleta dos dados foi utilizada a pesquisa informal com os professores de primeiro e segundo segmentos da unidade escolar. Já para a análise de dados foi utilizada a Análise Descritiva de Conteúdos, para identificar padrões, desafios e oportunidades, sistematizando as respostas em categorias fechadas para fazer os gráficos e poder interpretar os resultados. Foi feito um relato de experiência sobre a atividade desenvolvida com os alunos do 6º ano de uma turma da escola, com o uso do aplicativo *Artsteps*. Este aplicativo foi criado para fazer suas exposições virtuais. A pesquisa foi desenvolvida a partir das seguintes etapas e fases:

Etapa 01 - Pesquisa Preliminar

A Pesquisa Preliminar teve por objetivo avaliar como os profissionais utilizam a temática indígena em suas aulas, tendo em vista obter a percepção de como os professores percebem Os Povos Indígenas e o Ensino. Foi usado o *Whatsapp*. Foram respeitadas as diretivas de uso do ambiente virtual no *WhatsApp*, explicitando de acordo com o Ofício nº 2 o encaminhamento pela plataforma das perguntas e respostas do Roteiro de perguntas. Nenhum professor foi identificado, fornecendo apenas os seguintes dados: Formação e Experiência Profissional. Nesta etapa, os respondentes não foram identificados, não sendo necessário a assinatura de Protocolos.

Roteiro de perguntas:

1. Você acha importante abordar as culturas indígenas nas escolas?

2. Em suas aulas, você trabalha com a temática indígena?

3. Caso você trabalhe, descreva algo, como uma atividade ou um projeto que já tenha desenvolvido com seus alunos.

4. Que valores da identidade indígena considera que podem fortalecer a educação integral das crianças e adolescentes nas escolas hoje?

5. Acredita que as tecnologias possam ajudar na valorização da identidade indígena, ajudando a fortalecer as habilidades cognitivas?

Etapa 02 – Pesquisa de Campo

Nesta etapa foram estudadas e compiladas as respostas dos professores respondentes do Roteiro de perguntas acima registrado, e a partir dos estudos da professora pesquisadora autora deste trabalho, foi selecionada a tecnologia a ser usada, bem como foi desenhado o arcabouço dos produtos tecnológicos que foram aplicados em sala de aula. A partir deste conjunto foram elaborados dois Produtos Tecnológicos aplicados em sala de aula, respectivamente nas etapas 2 e 3. Nestas etapas tivemos os Protocolos TCLE que foram entregues a todos os pais de alunos e o TALE que foram entregues a todos os alunos. Somente participaram da pesquisa os alunos que trouxeram o TALE assinado pelos Responsáveis e o TCLE também assinado pelo Responsável legal. Os que não assinaram, embora participassem da aula, não foram contabilizados na pesquisa.

Etapa 03 – Aplicação do Produto Tecnológico em sala de aula

Neste momento, foram elaboradas atividades em tecnologias digitais que afetassem positivamente a valorização das identidades indígenas. A proposta envolveu atividades pedagógicas com auxílio de tecnologias da seguinte natureza:

- Aplicação de um Jogo da Memória sobre As Culturas Indígenas, criado pela professora pesquisadora e disponível no Aplicativo *Learningapps*.
- Mostra Virtual de Imagens de representações e Grafismos Indígenas;
- Releitura artística das obras de artistas indígenas, como por exemplo Denilson Baniwa;

- Criação de Exposição Virtual.

Foi planejado como atividade inicial o Jogo da Memória, disponibilizado virtualmente para que os alunos de forma lúdica pudessem interagir com as imagens das diversas culturas indígenas brasileiras[3].

Depois iniciamos com a mostra dos trabalhos de artistas indígenas, por exemplo obras do artista Denilson Baniwa, e nesta perspectiva, utilizamos o site do artista[4].

Os alunos assistiram, no *datashow*, a história do artista e seus trabalhos, tendo como destaque, o quadro Mona Lisa Cunhã, onde aprofundamos uma discussão sobre a releitura artística.

Nessa primeira fase também levamos em discussão na sala de aula alguns pontos relevantes sobre a arte indígena, como por exemplo:

- O papel do artista Denilson Baniwa, enquanto artista e ativista indígena no Rio de Janeiro e as mensagens de suas obras artísticas que estão em constante diálogo com a história da arte ocidental.
- A obra de Mona Lisa Cunhã onde faz uma mistura do grafismo indígena em cima do rosto de Gioconda e pinta instrumentos indígenas em sua mão.

Na segunda fase da proposta, levamos o educando a ser o próprio artista de sua obra, e após a observação e discussão das mostras dos trabalhos dos artistas indígenas, inspirados no artista Denilson Baniwa, utilizamos a obra Mona Lisa Cunhã, para que os educandos munidos de recursos como papel, canetinha, lápis de cor e tinta, pudessem recriar a arte por seus olhos, fazendo a releitura da obra.

Nesta etapa foram necessários recursos tecnológicos como celulares, internet e computador com acesso ao aplicativo *Artsteps*.

Os alunos foram colocados em grupos para a criação da exposição virtual da E. M. Pastor Ricardo Parise e cada grupo ficou responsável pela criação de uma sala da exposição

[3] Disponível em: *https://learningapps.org/view29394755*
[4] Disponível em*: https://www.behance.net/denilsonbaniwa.*

para inserir os seus trabalhos artísticos assim como os textos informativos complementares sobre a exposição.

Etapa 04 – Avaliação do Produto Tecnológico

Como não há outro professor que possa avaliar, a professora regente e pesquisadora foi a responsável em avaliar o produto tecnológico que foi aplicado, tendo conhecimento das implicações morais e éticas que envolvem essa prática.

Etapa 05 - Desenvolvimento do E-BOOK contendo a metodologia da pesquisa

Foi desenvolvido um E-BOOK com o desenho da pesquisa e também todo o passo a passo do produto tecnológico desenvolvido, este produto foi a exposição virtual desenvolvida no aplicativo *Artsteps*.

No E-BOOK também há sugestões de atividades que já foram aplicadas nas aulas de Artes e que podem ser adaptadas para o 1º e 2º segmentos, tanto da Educação Infantil quanto ao 9º ano do Ensino Fundamental, assim como sugestões de sites de pesquisa sobre a visibilidade indígena. O objetivo foi explorar a temática indígena de maneiras diversas, com o intuito de promover o respeito à diversidade cultural dos povos originários, buscando promover o entendimento e o respeito às suas culturas e tradições.

Para isso, é essencial evitar representações estereotipadas que retratem os indígenas de forma caricata, contrariando os clichês preconcebidos que permeiam o senso comum. Através de uma abordagem cuidadosa e livre de estereótipos, o E-BOOK visa sensibilizar os leitores sobre a importância de reconhecer e valorizar a diversidade étnica e cultural presente na sociedade, com sugestões de atividades que utilizam aplicativos tecnológicos como ferramentas pedagógicas.

5. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS

5.1 Pesquisa Preliminar

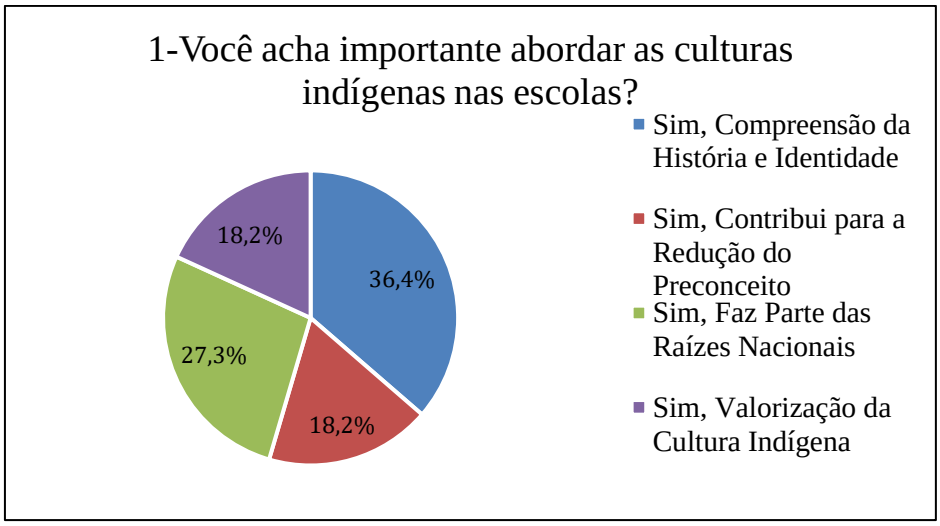
Análise de Dados: Foi feita a análise descritiva dos conteúdos para identificar padrões, desafios e oportunidades, sistematizando as respostas em categorias fechadas de como os professores do primeiro e do segundo segmentos da escola tratam a visibilidade do indígena em suas aulas para fazer os gráficos das respostas e poder interpretar os resultados.

Apresentar as respostas dos entrevistados e analisá-las

1. Você acha importante abordar as culturas indígenas nas escolas?
2. Em suas aulas, você trabalha com a temática indígena?
3. Caso você trabalhe, descreva algo, como uma atividade ou um projeto que já tenha desenvolvido com seus alunos.
4. Que valores da identidade indígena considera que podem fortalecer a educação integral das crianças e adolescentes nas escolas hoje?
5. Acredita que as tecnologias possam ajudar na valorização da identidade indígena, ajudando a fortalecer as habilidades cognitivas?

A Pesquisa Preliminar foi enviada para 12 professores do primeiro e segundo segmentos da escola, porém 11 desses professores responderam à pesquisa.

Tabela 1 – Gráfico de caracterização do problema (pergunta 1).

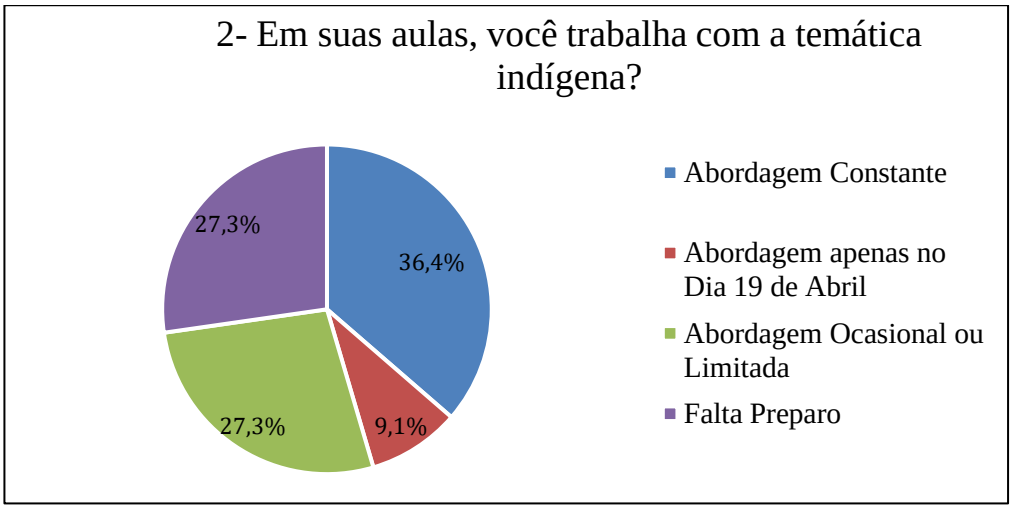


Fonte: Autoral.

Ter a percepção de como os professores compreendem a importância de se abordar a temática indígena nas suas aulas foi fundamental para um melhor desenho do produto tecnológico que foi desenvolvido nesta pesquisa. Pela observação pode-se perceber que embora 36,4% dos profissionais respondentes confirmem a importância da temática indígena na formação dos alunos de primeiro e segundo segmentos, apreende-se que não abordam nas aulas a identidade e a história indígena, ou seja, o professor percebe a importância desta valorização, mas não insere a problemática na programação de aula. Por outro lado, 27,3% sabe da importância do aluno conhecer as raízes de nossa formação nacional, mas da mesma forma não há um movimento mais amplo de introduzir a temática em sala de aula. Um dado importante foi perceber que 18,2% entende como fundamental introduzir este tema na programação de aulas, uma vez que ajuda a reduzir o preconceito. De acordo com os dados analisados, podemos perceber que todos pensavam ser importante, porém cada um viu um ponto específico a se trabalhar em suas aulas.

Estes são alguns dos motivos que colocam este projeto como inovador, ele busca situar a questão indígena dentro da programação de aulas, com tecnologias digitais e estimulando o desenvolvimento da identidade e valores indigenistas. Esta proposta visou acrescentar à formação dos alunos uma rica vivência para o fortalecimento de suas habilidades cognitivas, pela compreensão dos valores de uma cultura, que é nacional, lhe pertence e ao mesmo tempo é outra, tão distante está de suas experiências cotidianas.

Tabela 2 – Gráfico de caracterização do problema (pergunta 2).



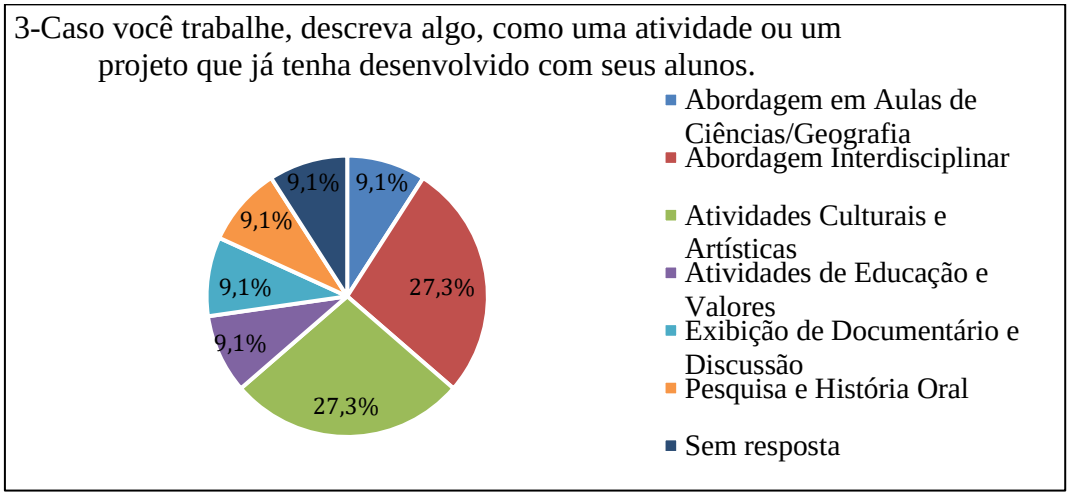
Fonte: Autoral.

O objetivo dessa pergunta foi entender de uma forma objetiva se os professores trabalham a temática indígena nas suas aulas. É possível verificar que os profissionais,

divergem nas respostas. Percebe-se, em suas subjetividades, que 36,4% consegue fazer uma abordagem constante. Porém como não é um projeto de pesquisa, a experimentação fica somente em uma sala de aula e de forma situada, episódica, não se consegue perceber que estes desafios ultrapassem aquela sala de aula, tornando-se restrita a experiência.

27,3% utiliza de uma forma pontual, ocasionalmente. Já um outro grupo de 27,3% dos professores afirma que lhes falta preparo para essa abordagem. Enquanto isso, 9,1% restringe o dia 19 de abril como o "dia do índio", sem perceber a herança extraordinária que se perde nesta redução linguística e neste compasso, não há um norte para o desenvolvimento dos alunos quanto a compreensão da cultura indígena e incorporação de seus valores e identidade para fortalecimento progressivo moral e social de crianças, jovens e adultos. De acordo com os dados analisados, podemos perceber que apesar de uma parcela maior ter feito uma abordagem constante, podemos observar que muitos trabalhavam para cumprir um projeto específico e outros relataram que não estão preparados. Estes resultados nos mostram que falta preparo dos professores, assim como aponta Silva (2017) em seus estudos.

Tabela 3 – Gráfico de caracterização do problema (pergunta 3).

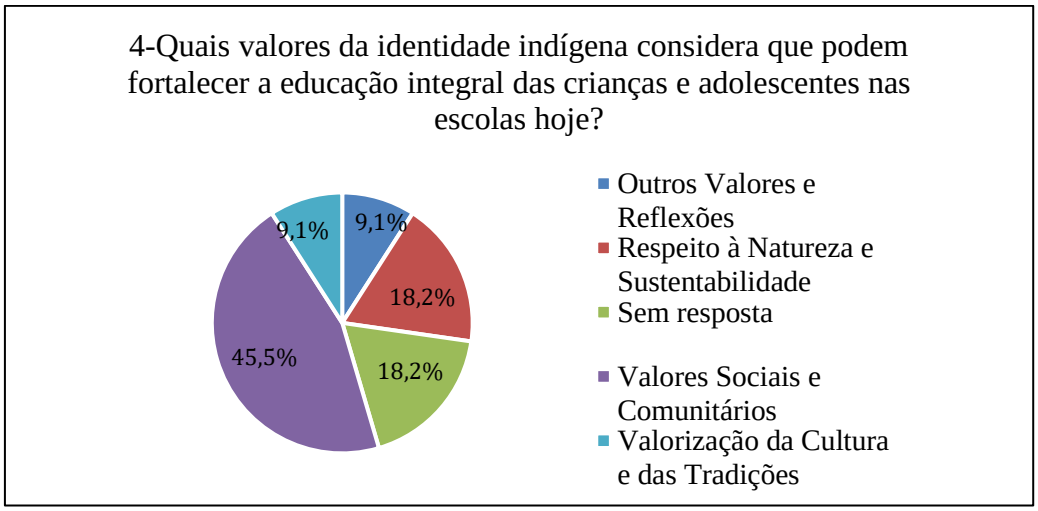


Fonte: Autoral.

O objetivo dessa pergunta foi entender qual o tipo de atividade os professores trabalham a temática indígena nas suas aulas. É possível verificar que os profissionais abordam atividades bem diferenciadas. Percebe-se que 27,3% utiliza atividades culturais e artísticas, a fim de estimular a criatividade e o conhecimento em seus alunos. Nota-se que outros 27,3% dão ênfase a uma abordagem interdisciplinar em suas aulas.

Vê-se que 9,1% está voltado para as disciplinas de Ciências e Geografia, isto é, a abordagem é feita para suas próprias áreas de conhecimento. O percentual de 9,1% realiza atividades que estejam direcionadas para a educação e os valores acerca dos indígenas. Outros 9,1% concentram suas atividades em pesquisa sobre a história oral. Já 9,1%, concentra sua abordagem sobre a temática indígena na exibição de documentário seguido de discussão. Enquanto isso 9,1% não respondeu à pergunta. Podemos perceber que há uma variedade de atividades relacionadas à prática dos professores no tocante à temática, porém não há indícios de enfoques contemporâneos dos povos originários.

Tabela 4 – Gráfico de caracterização do problema (pergunta 4).



Fonte: Autoral.

O objetivo dessa pergunta foi perceber quais valores da cultura indígena podem fortalecer a educação integral das crianças e jovens nas escolas atualmente. Vemos que 45,5% considera que os valores sociais e comunitários que as diversas culturas indígenas transmitem são importantes como ensinamentos para os alunos. No entanto, somente 36,4% dos profissionais respondentes confirmaram na pergunta 1 a importância da temática indígena na formação dos alunos de primeiro e segundo segmentos.

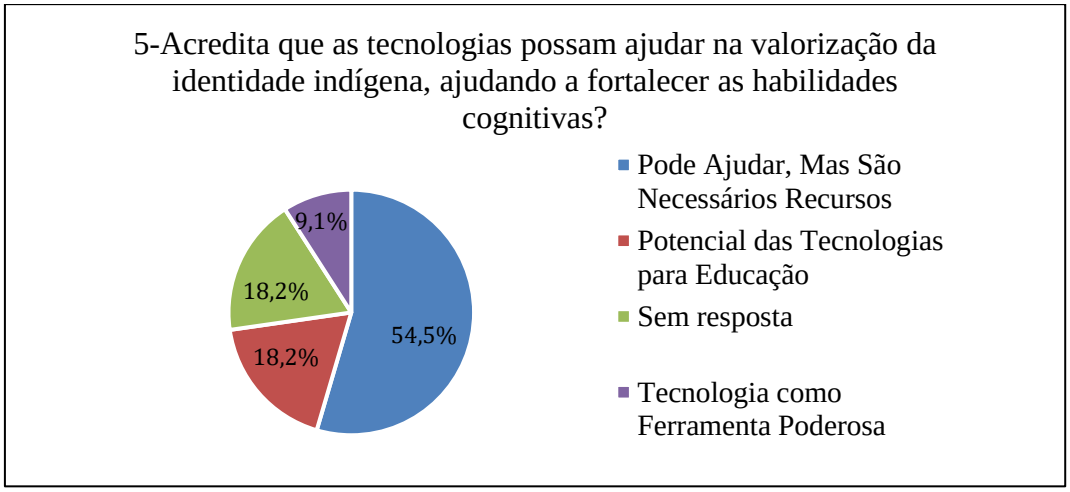
18,2% acredita que o respeito à natureza e a sustentabilidade são pontos que fortalecem a educação dos discentes. Cotejando com a pergunta 1, 18,2% dos respondentes entendem como fundamental introduzir a temática sobre a cultura indígena na programação de aulas, uma vez que ajuda a reduzir o preconceito. Ecologia e sustentabilidade são temas transversais em todas as séries do Ensino Formal e pode-se aprender muito sobre estes valores, cabendo aos professores junto com as tecnologias, preparar os alunos para uma vida compartilhada e carregada de signos de respeito à Terra e aos povos, com trabalho para todos.

Há também 9,1% que considera que valorizar a cultura e as tradições contribuem para uma educação integral na atualidade. Percebe-se que 9,1% também acredita que os valores e reflexões que os indígenas transmitem são importantes, porém não especifica quais são eles. Já 18,2% não respondeu à pergunta. O fato de não responderem à pergunta parece-nos ligado a uma falta de mobilização desses professores para a experimentação num plano limitado por um desconhecimento natural, uma vez que nada está completamente posto na programação de aulas. Todos estarão aprendendo. O próprio Paulo Freire afirma que procurava:

> (...) usar exercícios que ao mesmo tempo me eduquem e eduquem os estudantes: leituras breves, redações, experiências de debates e reflexão, e mantenho meus planos de curso limitados e frouxos. Faço um vôo sem instrumentos, muitas vezes sem um planejamento completo do curso ou uma lista de leituras que dêem a segurança de uma ordem com a qual estou familiarizado. Quero aprender com eles quais seus verdadeiros níveis cognitivos e afetivos, como é sua linguagem autêntica, que grau de alienação trazem para o estudo crítico e quais suas condições de vida, como fundamentos para o diálogo e o questionamento (Freire, 1986, p.13)

Este percentual de 18,2% tem voz e para esta pesquisadora representa o medo de ensinar e aprender o desconhecido, e não traz embutido a ousadia, necessária ao professor para a experimentação em sala de aula, porque o professor não sabe tudo, ele aprende enquanto ensina, aprende enquanto pesquisa.

Tabela 5 – Gráfico de caracterização do problema (pergunta 5).



Fonte: Autoral.

O objetivo dessa pergunta foi perceber se as tecnologias digitais podem ajudar na valorização da identidade indígena, contribuindo para fortalecer as habilidades cognitivas dos alunos. Percebe-se que 54,5% acredita que as tecnologias digitais podem contribuir na

valorização da visibilidade dos indígenas, aumentando o processo de construção do conhecimento dos alunos. Porém, este grupo aponta que há a necessidade de mais recursos.

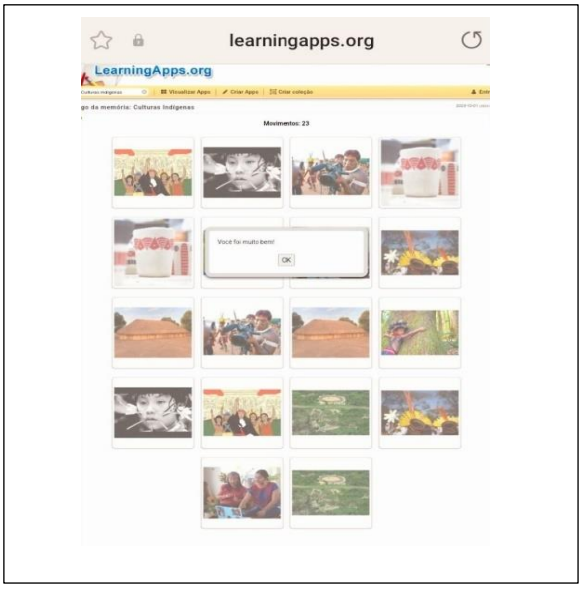
Já 18,2% acredita no potencial das tecnologias para o aumento da importância dos indígenas e, consequentemente como contribuição nas habilidades cognitivas dos discentes. Porém, 18,2% não respondeu à pergunta. 9,1% vê as tecnologias como uma ferramenta poderosa para o reconhecimento dos povos originários para a educação e o desenvolvimento cognitivo dos alunos. Trazendo para este contexto as tecnologias digitais, podemos fortalecer as habilidades cognitivas pela introdução de novos valores de identidade e isto pode ser feito com o auxílio ao mundo virtual, desde que esta finalidade seja parte do planejamento. Paulo Freire dizia que ensinar é pesquisar (Freire, 1986, passim).

> (...) quando digo que uma das pesquisas que faço é escutando os alunos, alguns colegas me perguntam: "você é linguista?" Há estudos importantes, (...) sobre a linguagem do cotidiano. Eu pesquiso as palavras faladas e escritas dos estudantes para saber o que eles sabem, o que eles querem, e como eles vivem. Suas falas e textos são um acesso privilegiado a suas consciências. Examino as palavras e os temas que são mais importantes para eles, pois assim terei materiais da realidade para estudos em classe (Freire, 1986, p.14).

5.2 Aplicação do Produto Tecnológico em sala de aula

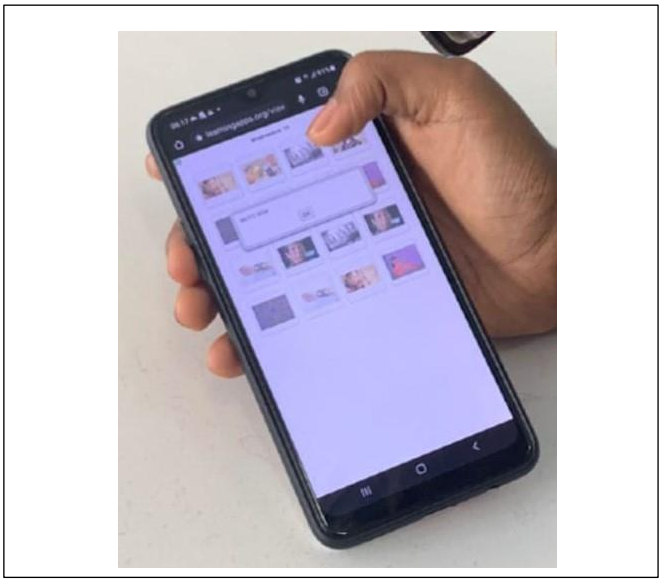
Antes da aplicação do produto tecnológico foi realizado um Jogo da Memória, para que os alunos pudessem interagir de forma recreativa com imagens de culturas indígenas. Este jogo foi criado pela professora com o objetivo de estimular e desenvolver a percepção, a observação e como uma atividade de introdução para, a seguir, passarmos para a tecnologia escolhida.

Figura 1 – Aplicativo *Learningapps* onde foi criado o Jogo da Memória.



Fonte: Autoral.

Figura 2 – Aluno jogando no aplicativo *Learningapps*.



Fonte: Autoral.

Figura 3 – Jogo da Memória.



Fonte: *https://learningapps.org/view29394755*

O produto tecnológico foi aplicado durante três dias em uma turma do 6º ano de uma escola municipal de São Gonçalo. Vale lembrar que esta atividade não teve como objetivo avaliar o aluno, atribuir-lhe nota ou conceito. Ressalte-se sim, que se trata de uma pesquisa, cuja finalidade científica foi trazer a Arte Contemporânea Indígena a partir da releitura da obra *Mona Lisa Cunhã*, do artista Denilson Baniwa e do Grafismo Indígena. Passo a analisar a tecnologia selecionada e a aplicação deste produto tecnológico:

1º. Dia:

Recurso digital: Aplicativo *Artsteps*

Objetivo: Refletir sobre as várias influências, a diversidade cultural e as contribuições das culturas indígenas para a cultura brasileira. Para tanto, foi utilizado o Aplicativo *Artsteps* para a montagem de uma Exposição Virtual com os trabalhos dos alunos. O *Artsteps* é um aplicativo, que permite criar galerias virtuais de artes em espaços 3D realistas. A aplicação funciona no browser, local onde podemos criar visitas no espaço. As visitas criadas podem ser visualizadas em um computador, diretamente em um smartphone ou em interação com óculos de Realidade Virtual. O aplicativo é bem interativo e de fácil de utilização.

Roteiro de aplicação do produto utilizado em sala de aula: dependendo do tipo de visita que queremos criar, existem alguns passos simples que devem ser seguidos: Definir o espaço (em branco ou modelo existente), desenhar o espaço (se for em branco), adicionar os trabalhos e publicar a Exposição. Este aplicativo foi criado como um espaço para o artista apresentar e divulgar os seus projetos**.**

Metodologia: Neste primeiro dia, fizemos uma roda de conversa e apresentamos a obra *Mona Lisa Cunhã*, falamos sobre o pintor, sua origem indígena, um pouco da sua biografia e de sua luta como ativista dos povos originários.

Figura 4 – *Mona Lisa Cunhã*, do artista Denilson Baniwa.



Fonte: *https://www.behance.net/denilsonbaniwa*

Trouxemos também uma reprodução da obra *Mona Lisa*, de Leonardo da Vinci, para introduzir o conceito de releitura de obra de arte e explicar que eles iriam criar a sua própria Mona Lisa Indígena. Neste momento, percebeu-se que alguns alunos fizeram comparações das

obras apresentadas. Para preservar a identidade do aluno, iremos chamá-los de A e B. Algumas observações chamaram atenção, como:

Aluno A

"A pintura do Leonardo da Vinci não é tão bonita como a do pintor indígena!".

Aluno B, disse:

"Eu não sabia que tinha "*índio"* que era artista!!!!"

Podemos perceber que são importantes atividades como esta, que possibilitem a arte como um caminho pedagógico para se debater as questões étnico-raciais. O referente trabalho visa cumprir o que determina a legislação educacional acerca da obrigatoriedade do estudo como aponta a Lei n. 11.645/08.

Após a roda de conversa e a apresentação das obras, passamos para a elaboração das releituras artísticas feitas pelos alunos. Foi entregue para cada aluno um esboço da *Mona Lisa*, onde eles desenharam cabelo, roupa, acessórios e o que eles mais quisessem, desde que a sua Mona Lisa ficasse com características indígenas. Nesta etapa, eles utilizaram para pintar canetinhas, lápis de cor, caneta esferográfica e lápis grafite.

2º. Dia:

Recurso analógico: grafismos indígenas; papel sulfite para que ele criasse um grafismo, lápis de cera, hidrocor e lápis de cor

Recurso digital: *Artsteps*

Objetivo: Discutir sobre a importância da identidade cultural de cada etnia indígena.

Roteiro de aplicação do produto utilizado em sala de aula: Neste dia também começamos a dividir a turma em grupos para a elaboração da exposição virtual. Usaram o aplicativo *Artsteps* para novas possibilidades de interação.

Metodologia: Dois grupos ficaram encarregados de fotografar os trabalhos e enviar para o *Whatsapp* da turma. Esta fase foi mais tumultuada no início, porém, aos poucos tudo foi-se encaminhando.

3º. Dia:

Recursos tecnológicos: *datashow*, computador com acesso à internet e uma *smart tv*.

Recurso digital: *Artsteps*

Objetivo: Reiterar a importância da identidade cultural de cada etnia indígena e apresentar como a tecnologia pode aproximar culturas e mostrar a importância do compartilhamento de ideias.

Roteiro de aplicação: A partir do aplicativo *Artstps*, os alunos perceberam que se pode criar um link para ser compartilhado para dar visualização da exposição, que foi criada por eles e pela professora.

Metodologia: Foi aberto o aplicativo *Artsteps*, onde foi escolhido o modelo da apresentação da exposição e foram inseridos os trabalhos dos alunos. Os alunos ficaram maravilhados ao ver os seus trabalhos na exposição, isso gerou um interesse significativo pela temática indígena nas aulas.

5.3 Avaliação do Produto Tecnológico

Durante a aplicação do produto tecnológico em sala de aula, que foi realizada durante três dias, notou-se que houve muita interação dos alunos, conforme passaremos a descrever.

1º. Dia:

Neste dia os alunos tiveram a oportunidade de conhecer a arte contemporânea indígena do artista Denilson Baniwa e fazer a releitura da obra. Observou-se que houve um certo "estranhamento" por parte de alguns alunos em saber sobre a trajetória de vida do artista. Como, por exemplo, quando foi falado das várias premiações das suas obras, do artista morar na cidade e não na aldeia, da sua formação acadêmica e das comparações das duas obras (*Mona Lisa*, de Leonardo da Vinci e a *Mona Lisa Cunhã*), como foi citado anteriormente. Percebe-se o quanto essas falas estão impregnadas de discriminações. A professora pesquisadora aproveitou a oportunidade para falar que os artistas indígenas estão usando sua arte como uma forma de resistência, de protesto e de reafirmação de suas identidades e direitos. A crescente visibilidade da arte indígena em galerias, museus e espaços públicos ao redor do mundo está contribuindo para uma maior apreciação e entendimento das culturas indígenas e para o reconhecimento da

sua importância para a diversidade cultural global. A seguir, foi apresentado o aplicativo *Artsteps* e as suas funcionalidades. Os alunos não o conheciam.

Figura 5 – Logo do aplicativo *Artsteps*

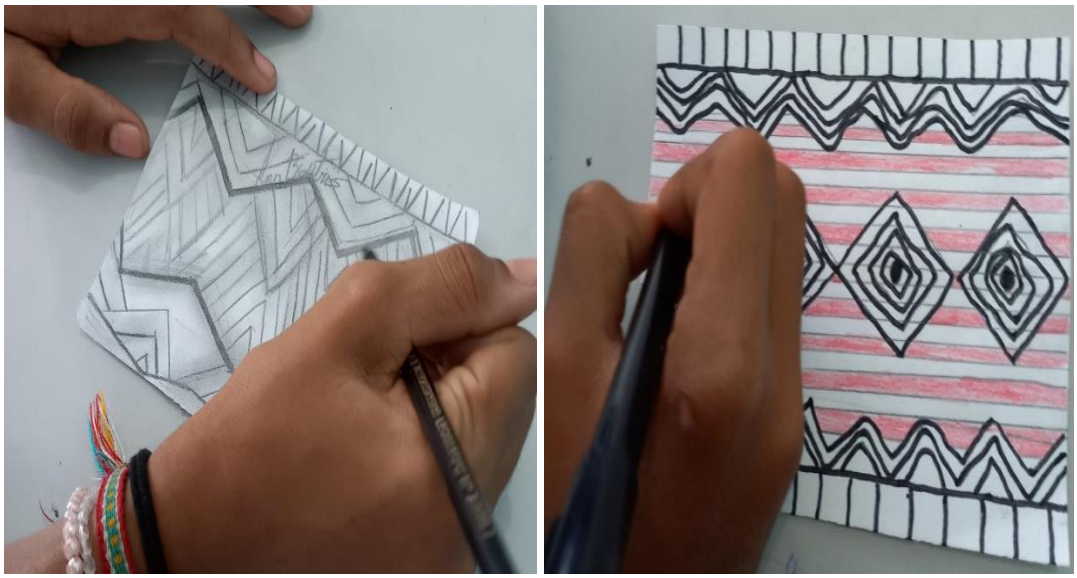


Fonte: *https://www.artsteps.com/*

2º. Dia:

Neste dia, foram desenhados grafismos indígenas e foi abordado que eles representam a marca de cada etnia, ou seja, funciona como uma identidade cultural, o pertencimento étnico, as histórias de origem e as relações com o meio ambiente. Esses grafismos desempenham um papel fundamental em várias práticas culturais, como na pintura corporal, na ornamentação de objetos rituais, na decoração de cerâmicas, tecidos e artefatos, e até mesmo na criação de obras visuais contemporâneas em diversas mídias. A preservação e o reconhecimento do grafismo indígena são essenciais para a manutenção das tradições culturais das comunidades, além de contribuir para a diversidade e a riqueza do patrimônio cultural global. Todas essas informações foram passadas aos alunos. Muitos ficaram surpresos, pois acreditavam que eles eram apenas "desenhos sem muita importância" como relatou um aluno, que iremos chamar de C.

Figura 6 – (a) e (b) - alunos criando grafismos



(a) (b)

Fonte: Autoral.

As imagens acima referem-se ao momento de criação dos alunos na confecção dos Grafismos Indígenas.

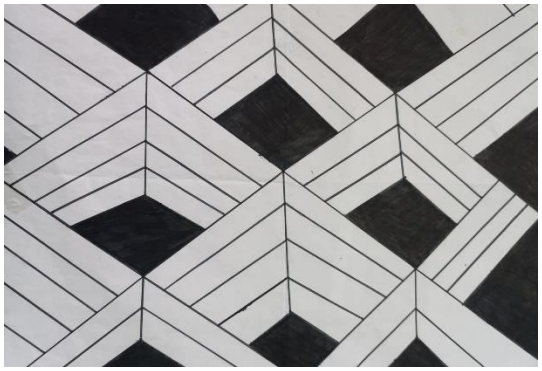
Neste dia, também foram feitas as fotos dos trabalhos, esta atividade gerou uma certa agitação, uma vez que, observou-se que alguns alunos fizeram comparações estéticas, atribuindo juízo de valor à determinados trabalhos. Situação esta, que precisou da intervenção da professora pesquisadora.

As imagens a seguir são algumas das produções artísticas dos alunos de seus Grafismos Indígenas.

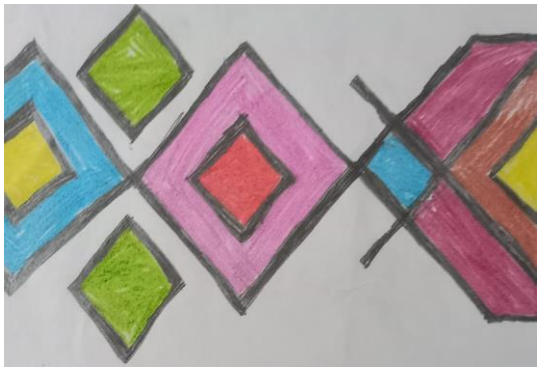
Figura 7 – (a) a (h) - Alguns grafismos dos alunos.



(a) (b)



(c)



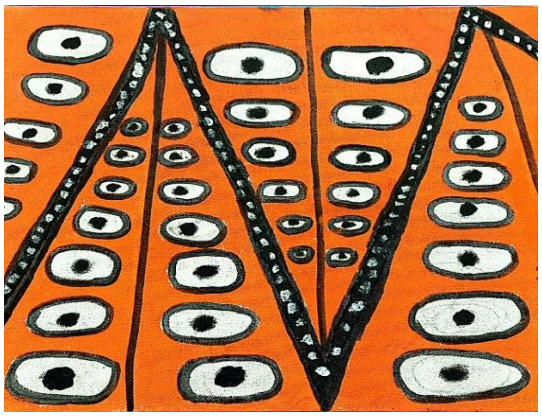
(d)



(e)



(f)



(g)



(h)

Fonte: Autoral.

3º. Dia:

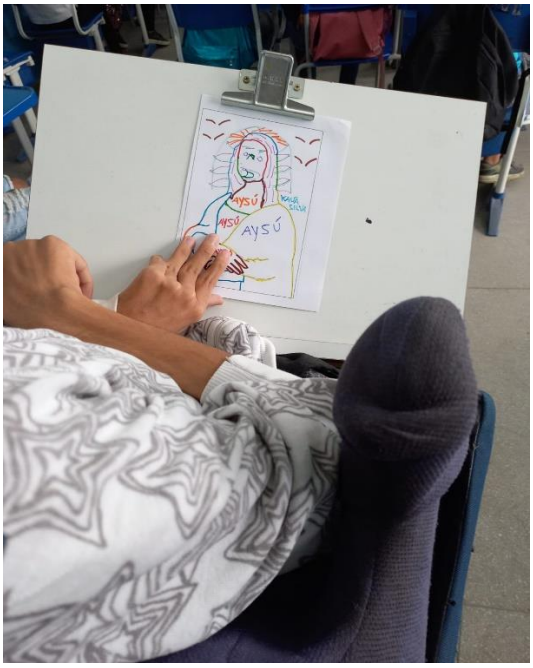
Neste dia, fomos para o auditório e fizemos a montagem da exposição no aplicativo *Artsteps*. A professora pesquisadora ficou à frente desta etapa, uma vez que já tínhamos as fotos dos trabalhos previamente selecionadas. Escolhemos o layout da exposição e, a partir daí, os

trabalhos foram inseridos. Esta foi uma etapa de muita interação entre toda a turma. Os alunos demonstraram interesse e ficaram, de certa forma, ansiosos em ver todo o processo da exposição sendo montada.

Figura 8 – (a) a (d) – Alunos criando suas releituras da Mona Lisa Cunhã.



(a)



(b)



(c)



(d)

Fonte: Autoral.

As imagens acima são do início do processo artístico. Foi entregue a cada aluno um esboço da *Mona Lisa* onde eles teriam que criar a sua Mona Lisa Indígena. Importante ressaltar que a releitura de uma obra de arte é uma nova interpretação de um trabalho artístico, sendo assim, cada aluno criou a sua obra com total criatividade e liberdade, como podemos observar nas imagens abaixo.

Figura 9 – (a) a (j) – Algumas releituras dos alunos.



(a)



(b)





(c)



(d)



(e)



(f)



(g)

(h)



(i)

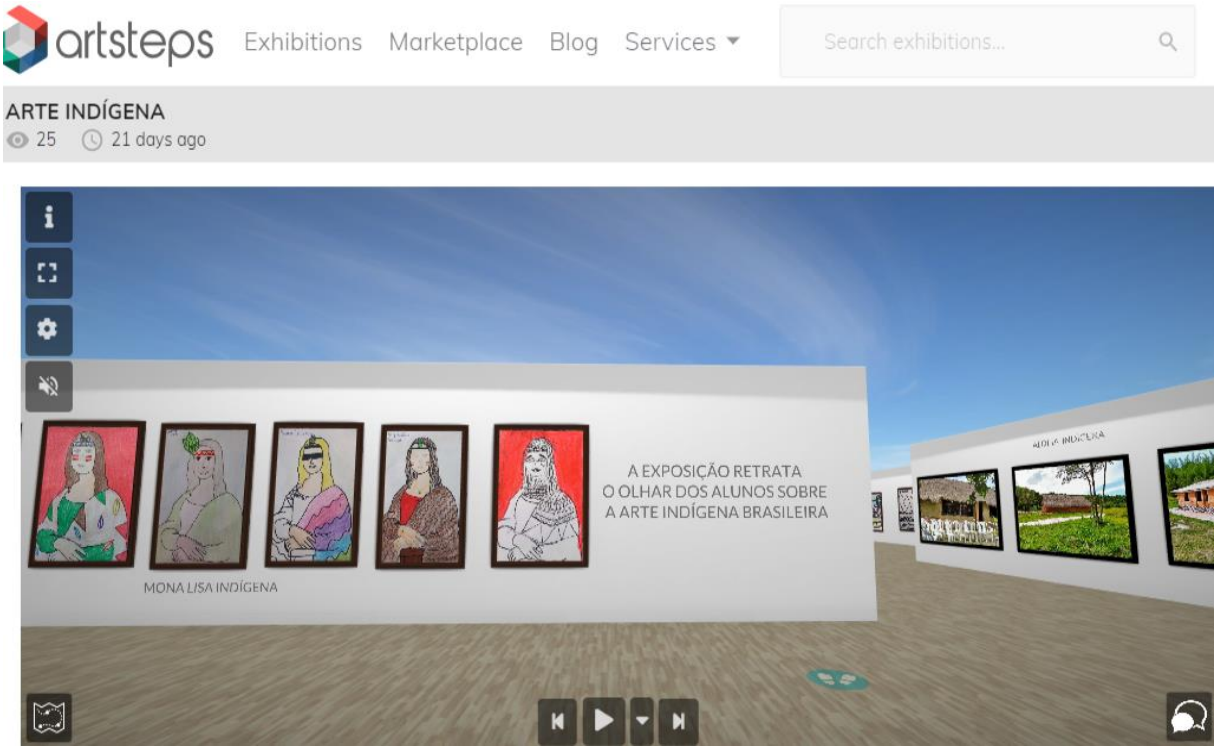


(j)

Fonte: Autoral.

As imagens acima são de algumas releituras prontas para serem inseridas no aplicativo *Artsteps*.

Figura 10 – Exposição virtual no aplicativo *Artsteps*.

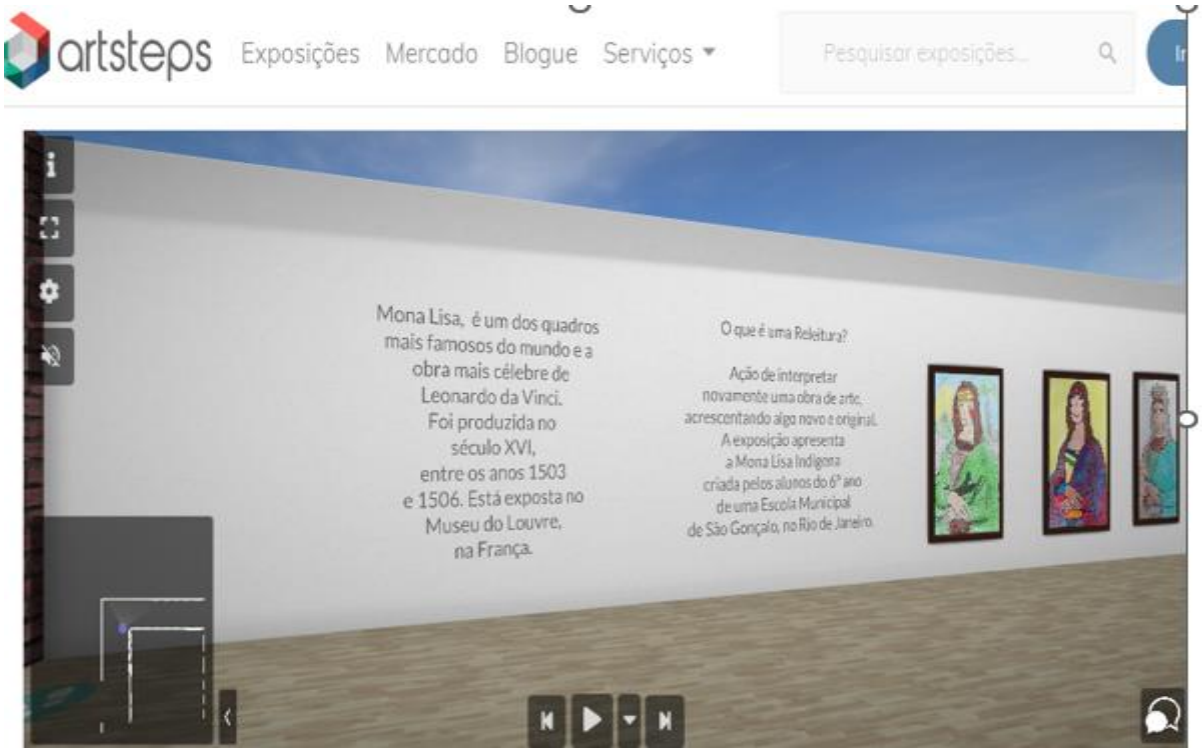


Fonte: Autoral.

Nesta imagem vemos o começo da exposição virtual no aplicativo *Artsteps*, em que foram inseridos os trabalhos das releituras dos alunos. As fotos que vemos à direita, foram feitas pela professora pesquisadora em uma culminância do curso "Povos indígenas no Rio de Janeiro: Educação para as relações étnico-raciais, por uma educação antirracista", na Aldeia Mata Verde Bonita, localizada no município de Maricá, no Rio de Janeiro.

Este aplicativo é de fácil utilização, interatividade e há a possibilidade de criar um link para o compartilhamento da exposição, o torna atraente e de fácil difusão entre os alunos, oferecendo flexibilidade e permitindo que os alunos acessem a exposição virtual em qualquer lugar e a qualquer momento, usando dispositivos como *smartphones*, *tablets* e computadores. Isso amplia as oportunidades de aprendizado além dos limites da sala de aula, facilitando a prática de habilidades e o aprofundamento de conhecimentos fora do ambiente escolar tradicional.

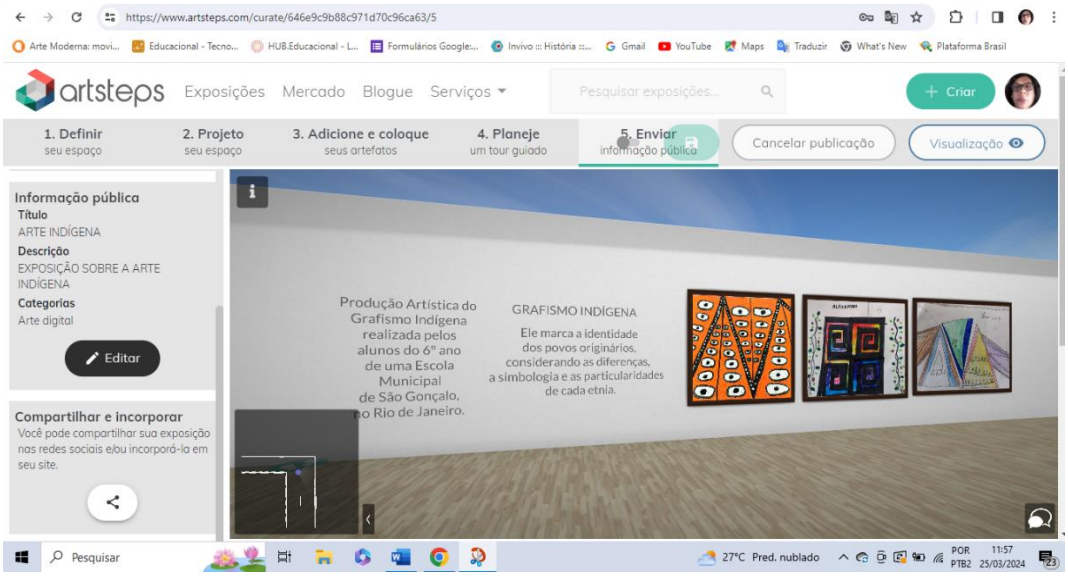
Figura 11 – Interior da exposição com outras releituras feitas pelos alunos.



Fonte: Autoral.

Na imagem acima, podemos observar uma das salas da exposição onde foram colocadas outras releituras da Mona Lisa Indígena, que foi inspirada na obra do artista indígena contemporâneo Denilson Baniwa.

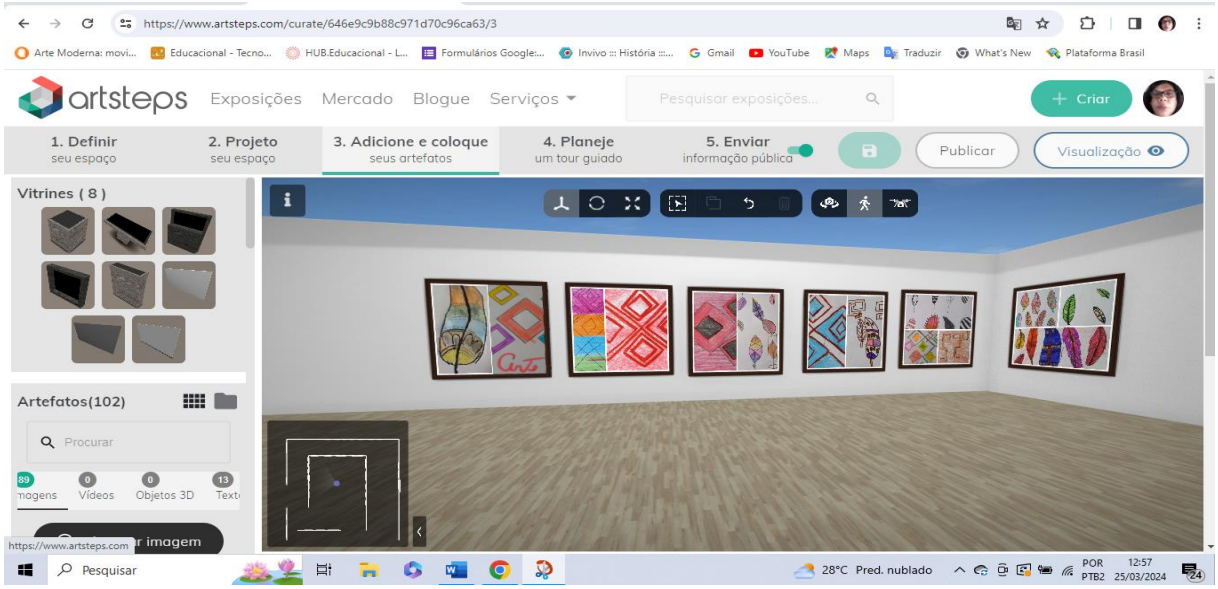
Figura 12 – Exposição dos grafismos feitos pelos alunos no aplicativo *Artsteps*.



Fonte: Autoral.

Nesta imagem, observamos uma sala da exposição virtual onde foram inseridos os grafismos indígenas realizados pelos alunos.

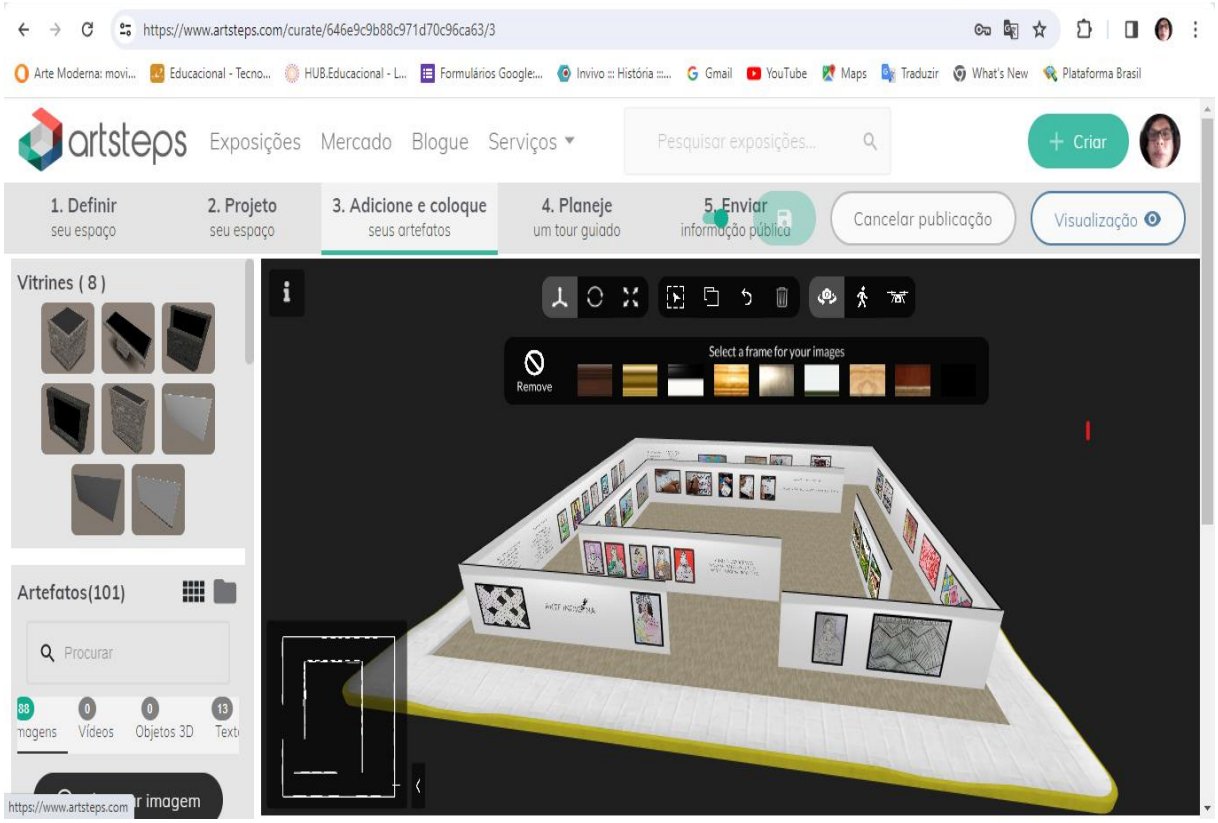
Figura 13 – Exposição sobre grafismos indígenas feitos pelos alunos no aplicativo *Artsteps*, sob outros ângulos.



Fonte: Autoral.

Já nesta imagem, podemos observar que os alunos fizeram algumas colagens de seus trabalhos para que todas as criações artísticas feitas por eles, estivessem presentes na exposição. Solução proposta pela professora e que trouxe um resultado satisfatório para o grande volume de trabalhos.

Figura 14 – Exposição virutal montada no aplicativo *Artsteps*.



Fonte: Autoral.

Na figura acima, podemos ver como ficou a exposição depois de concluída no aplicativo. Todos os trabalhos artísticos que foram realizados pelos alunos podem ser vistos, assim como também as ferramentas de construção que o aplicativo nos oferece, como: molduras, pisos, paredes, cores, texturas, o tema, enfim, a construção do espaço 3D.

Em suma, o aplicativo *Artsteps* representou uma ferramenta poderosa para trabalhar a arte contemporânea indígena, oferecendo uma abordagem inovadora e acessível para enriquecer o ensino e tornar a aprendizagem mais eficaz, envolvente e personalizada. Observou-se que esta metodologia e os diversos recursos podem ser usados daqui para frente, de forma integrada dentro de uma didática de ensino e aprendizado.

6. CONCLUSÃO

Os movimentos indígenas contemporâneos representam não apenas a luta por direitos, mas também a afirmação de uma nova identidade. Os povos indígenas buscam reforçar seu pertencimento étnico e cultural, muitas vezes em grupos historicamente distintos. Isso pode envolver a construção de uma identidade indígena unificada e compartilhada, que vai além das diferenças tradicionais entre diferentes etnias.

Para sobreviverem e continuarem a lutar por seus direitos, os povos indígenas se apropriaram de mecanismos e instrumentos organizativos que podem ser considerados alheios às suas práticas tradicionais. Eles adaptaram essas ferramentas e criaram formas próprias de organização, levando em consideração seus contextos culturais e necessidades específicas.

Essas observações destacam a resiliência e a capacidade de adaptação dos povos indígenas diante de desafios históricos e contemporâneos. Os movimentos indígenas não são estáticos; eles evoluem de acordo com as circunstâncias e são impulsionados pela necessidade de garantir a preservação de suas culturas e a defesa de seus direitos em um mundo em constante transformação.

O protagonismo indígena muitas vezes envolve o rompimento com ideias preconcebidas e estereótipos sobre a autenticidade das identidades e culturas indígenas. Esses estereótipos podem levar a uma visão errônea de que os povos indígenas estão condenados a viver no passado, presos em uma noção de "autenticidade" que não corresponde à realidade de suas experiências contemporâneas e em constante mudança.

O mundo é construído sobre os alicerces de um conhecimento elaborado na visão europeia, que justifica a dominação e exploração daqueles e daquelas que não fazem parte do mesmo modo de ser e de pensar dos colonizadores. As sabedorias, tradições culturais, formas de vida, ação e perspectivas dos povos indígenas foram subjugadas, inferiorizadas e suprimidas, um processo que persiste de maneira latente na mentalidade e concepções do mundo ocidental. O ensino genérico sobre os povos indígenas na educação contribui para fortalecer e perpetuar esse processo.

O trabalho com a temática indígena deve estar pautado na preocupação de trazer a decolonialidade para a práxis pedagógica, isto é, uma valorização da história e da cultura das identidades indígenas que foram silenciadas e apresentadas com uma imagem preconceituosa e estigmatizada. Portanto, esta pesquisa justificou-se pelo fato de fazer um levantamento de como

os professores do Ensino Fundamental I e II de uma escola do município de São Gonçalo tratam a temática indígena em suas aulas.

Por tudo isso, viu-se a necessidade de estudar sobre o tema para analisar estratégias com o uso de tecnologias digitais que possam dar suporte aos demais professores de outras disciplinas que também irão trabalhar com a temática indígena em sala de aula.

Reiteramos ser fundamental que o professor mostre que os povos originários estão em vários setores da sociedade, e sendo assim, é preciso romper com os estereótipos que foram criados sobre os indígenas e dar visibilidade ao seu protagonismo na sociedade, nesta construção conjunta e progressiva do ser político e social, em sala de aula, ao lado do conhecimento técnico e tecnológico.

Esta postura eleva a educação a um cenário multicultural, pois as culturas se acrescentam umas às outras, e é possível implementar uma aprendizagem conjunta, na qual as habilidades compartilhadas estimulam e fortalecem a cidadania.

Na verdade, o professor tem que ter consciência dos problemas de conhecimento, lacunas na formação dos alunos e é preciso suprir as reais necessidades, com o resgate de uma escola acolhedora e humana que busque novas práticas sociais para que possam vivenciar descolamentos no seu mundo de experiências, convivências na sociedade e no espaço profissional que estiverem ou forem inseridos.

É fundamental buscar novas formas de ensinar e aprender. As tecnologias podem provocar mudanças no dia da escola e estimular a compreensão das várias influências, a diversidade cultural e as contribuições das culturas indígenas para a cultura brasileira na busca de soluções de problemas e reflexões sobre o contexto em que estão inseridos.

Alguns profissionais da educação precisam tomar consciência de que a sociedade mudou, o aluno mudou, e a escola precisa estimular o desenvolvimento de habilidades e competências que necessitam ser trabalhadas e resgatadas no cotidiano escolar: o conhecimento deixado lá atrás sobre as identidades indígenas, a imagem estereotipada das mais de 300 etnias presentes no Brasil que ainda persiste em habitar o imaginário de muitas pessoas que desconsideram toda a inclusão e a identidade do outro.

Com afeto, dedicação, formação acadêmica, tecnologia, pesquisas, interação, comunicação e uma visão mais integral da natureza humana, com certeza muito pode ser feito.

O uso de tecnologia na sala de aula pode tornar as aulas mais interativas, envolventes para os alunos e tornar o aprendizado mais divertido e estimulante. O ensino com recursos tecnológicos pode melhorar a qualidade e a eficácia do aprendizado, aumentar o engajamento dos alunos e proporcionar uma experiência de conhecimento mais personalizada, dinâmica e acessível.

Criamos a exposição virtual, os alunos ficaram imersos na flexibilidade e houve o aprofundamento de conhecimentos fora do ambiente escolar tradicional. A tecnologia do *Artsteps* tornou atraente e permitiu a difusão entre os alunos, com uma abordagem inovadora que favoreceu a usabilidade para enriquecer o ensino e tornar a aprendizagem personalizada. Diante das experiências que foram possíveis serem vivenciadas com os alunos nos foi permitido verificar como as tecnologias digitais podem ser utilizadas para favorecer o processo de ensino aprendizagem.

A metodologia que usamos e os diversos recursos podem ser utilizados pelos professores, de forma integrada dentro de uma didática de ensino e aprendizado na temática indígena em suas aulas. A pesquisa atingiu os seus objetivos ao obter a percepção de como os professores trabalham a temática indígena em suas aulas, identificou problemas em relação a isso e buscou apresentar boas práticas em que haja a valorização das culturas indígenas, utilizando as tecnologias digitais. Os resultados apresentados mostraram que existe uma lacuna na formação dos professores e que há necessidade de mudanças nesse sentido. É fundamental buscar novas formas de ensinar e aprender. O *Artsteps* pode ser uma porta de entrada para a promoção do entendimento da riqueza cultural muito diversificada dos povos indígenas e como resultado, a tecnologia pode ser um meio de influência na formação desses alunos.

Embora tenhamos atingido os objetivos estabelecidos, a pesquisa possui uma limitação devido à sua condução em apenas uma escola e com um número limitado de alunos e professores. Isso impede a generalização dos resultados sem a inclusão de mais escolas e participantes, tornando essencial a realização de estudos futuros para ampliar a abrangência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BANIWA, Denilson. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: **Itaú Cultural**, 2024. Disponível em: http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa628975/denilson-baniwa. Acesso em: 15 de janeiro de 2024. Verbete da Enciclopédia.

BANIWA, Gersem dos Santos Luciano. (2014). Movimentos e políticas indígenas no Brasil contemporâneo. *Tellus*, (12), 127–146. Disponível em: https://doi.org/10.20435/tellus.v0i12.136. Acesso em 09/10/2023.

BANIWA, Gersem dos Santos Luciano. O índio brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje. Brasília, MEC/ Secad/Museu Nacional/UFRJ, 2006.

BARROSO, Edna Rodrigues. Datas comemorativas ou significativas: festas juninas nas escolas. **Revista Com Censo**, Distrito Federal, v. 5, n. 2, p. 22-28, maio 2018. Disponível em: https://periodicos.se.df.gov.br/index.php/comcenso/article/view/415/273. Acesso em: 09 out. 2023.

BRASIL. Lei n. 11.645, de 10 de março de 2008. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena". Presidência da República (Casal Civil: Subchefia de assuntos jurídicos). Brasília, DF, n.187, 10 março. 2008. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ ato2007- 2010/2008/lei/l11645.htm Acesso em 23/09/2023.BRASIL (1996). Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, DF. Acesso em 23/09/2023.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE. Censo 2010. http://censo2010.ibge.gov.br/resultados. Acesso em 23/09/2023.

BRIGHENTI, Clóvis Antonio. Colonialidade e Decolonialidade no Ensino de História e Cultura Indígena. In: **Protagonismo indígena na história**. Fábio Feltrin de Souza, Luisa Tombiini Wittmann (org). Tubarão: Copiart, 2016. p. 231-254. Acesso em 09/10/2023.

CANDAU, Vera Maria Ferrão. Direitos Humanos, educação e interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença. **Revista Brasileira de Educação**, v. 13, n. 37, p. 45-56, 2008. Educação em Direitos Humanos: Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/rbedu/v13n37/05.pdf. Acesso em 04/09/2023.

CANDAU, Vera Maria Ferrão. Diferenças culturais, interculturalidade e educação em direitos humanos. **Educação & Sociedade**, v. 33, p. 235-250, 2012. Disponível em: https://www.scielo.br/j/es/a/QL9nWPmwbhP8B4QdN8yt5xg/. Acesso em 04/09/2023.

COLLET, C., PALADINO, M., & RUSSO, K. **Quebrando preconceitos: subsídios para o ensino das culturas e histórias dos povos indígenas**. Rio de Janeiro, RJ: Contra Capa Livraria; Laced, 2013. Acesso em 09/10/2023.

DA COSTA POLONIA, Ana; SOARES FILHO, Marden Marques. DESAFIOS PARA UMA EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS NO BRASIL. **Hegemonia**, n. 26, p. 25-25, 2019. Disponível:<https://revistahegemonia.emnuvens.com.br/hegemonia/article/view/268/214> Acesso em 23/09/2023.

DOMINGUES, M. P. B. Narrativas indígenas na web:: o que isso pode nos dizer sobre identidades, cultura e protagonismo indígena. **História, histórias**, *[S. l.]*, v. 5, n. 9, p. 234–250, 2017. DOI: 10.26512/hh.v5i9.10991. Disponível em: https://periodicos.unb.br/index.php/hh/article/view/10991. Acesso em: 9 out. 2023.

FREIRE, Paulo, SHOR, Ira. **Medo e Ousadia – O Cotidiano do Professor** / Ira Shor, Paulo Freire; tradução de Adriana Lopez; revisão técnica de Lólio Lourenço de Oliveira. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. Disponível em Medo e Ousadia pronto.doc (cpers.com.br)

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social.** 6. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2008.

GUIMARÃES, D. "Storyjumper: escrita colaborativa em forma de e-book". In: CARVALHO, A. A. A. (org.). **Aplicações para dispositivos móveis e estratégias inovadoras na educação**. Lisboa: Ministério da Educação, 2020. Acesso em: 2 out. 2023.

KRENAK, Ailton. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: **Itaú Cultural**, 2024. Disponível em: http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa641357/ailton-krenak. Acesso em: 15 de janeiro de 2024. Verbete da Enciclopédia.

PEREIRA, E. A ecologia digital da participação indígena brasileira. **Lumina**, *[S. l.]*, v. 12, n. 3, p. 93–112, 2018. DOI: 10.34019/1981-4070.2018.v12.21572. Disponível em: https://periodicos.ufjf.br/index.php/lumina/article/view/21572. Acesso em: 15 out. 2023.

SILVA, Edson. Os povos indígenas e o ensino: reconhecendo as sociodiversidades nos currículos com a Lei 11.645. In: ROSA, A; BARROS, N. (Orgs.). **Ensino e pesquisa na Educação Básica**: abordagens teóricas e metodológicas. Recife: EDUFPE, 2012b, p. 75-87. Acesso em 11/09/2023.

SILVA, E. Ensino e sociodiversidades indígenas: possibilidades, desafios e impasses a partir da lei 11.645/2008. **Mneme - Revista de Humanidades**, *[S. l.]*, v. 15, n. 35, p. 21–37, 2015. Disponível em: https://periodicos.ufrn.br/mneme/article/view/7485. Acesso em: 2 out. 2023.

SILVA, Edson. Os povos indígenas e o ensino: reflexões e questionamentos às práticas pedagógicas. **Revista Tópicos Educacionais**, v. 23, n. 2, p. 89-107, 2017.

SILVA, M. da P. da. (2010). A TEMÁTICA INDÍGENA NO CURRÍCULO ESCOLAR À LUZ DA LEI 11.645/2008. *Cadernos De Pesquisa*, *17*(2). https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/view/244 Acesso em: 2 out. 2023.

TAVARES, Paola. Artes Visuais Indígenas Contemporâneas do Brasil resistência e manifestações indígenas através de expressões artísticas. **Rebento**, n. 9, 2018. Disponível em: <https://www.periodicos.ia.unesp.br/index.php/rebento/article/view/278>. Acesso em 11/09/2023.

TUKANO, Daiara. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: **Itaú Cultural**, 2024. Disponível em: http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa641365/daiara-tukano. Acesso em: 15 de janeiro de 2024. Verbete da Enciclopédia.

WALSH, C.; Oliveira, LF. de; CANDAU, V M. Colonialidade e pedagogia decolonial: Para pensar uma educação outra. **Arquivos Analíticos de Políticas Educativas**, [S. l.], v. 26, p.

83, 2018. DOI: 10.14507/epaa.26.3874. Disponível em: https://epaa.asu.edu/index.php/epaa/article/view/3874. Acesso em: 15 jan. 2024.

APÊNDICE

Apêndice I - TCLE

TCLE_ RESPONSÁVEL

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Projeto de Pesquisa: Os Povos Indígenas e o Ensino: Uso das Tecnologias Digitais como aliada nas aulas de Arte

Prezado(a) Responsável, o **Aluno**(a),

_____, sob sua responsabilidade, está sendo convidado para participar da pesquisa "Os Povos Indígenas e o Ensino: Uso das Tecnologias Digitais como aliada nas aulas de Arte ", a ser realizada E. M. Pastor Ricardo Parise. Antes de autorizá-lo (a) a participar desta pesquisa o pesquisador deverá responder a todas as suas dúvidas e é muito importante que você compreenda as informações e instruções contidas neste documento. A participação do aluno não é obrigatória. Ele tem o direito de desistir da participação nesta pesquisa a qualquer momento, sem qualquer prejuízo e sem perder os benefícios aos quais tenha direito.

O (a) aluno(a) terá o apoio da pesquisadora em todos os momentos, seja nas atividades individuais ou coletivas. E caso o aluno não queira participar da pesquisa, ficará na Biblioteca com uma professora, estudando e pesquisando sobre poesias, de tal forma que se sinta protegido e acolhido em suas necessidades.

Esta pesquisa tem por objetivo elaborar atividades que estejam relacionadas com a Arte Indígena, utilizando as tecnologias digitais. E as atividades a serem realizadas são as seguintes: roda de conversa sobre os indígenas, a importância da expressão e riqueza cultural da arte indígena e conhecer a arte contemporânea dos indígenas na atualidade. Serão aplicadas duas tecnologias digitais que envolvam a temática indígena na turma 603 da escola.

Quanto aos riscos, cabe ressaltar que a Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, em suas diretrizes e normas, indica que toda pesquisa com seres humanos envolve algum tipo de risco e, durante esta pesquisa, este poderá se apresentar na forma de desconforto ou constrangimento. Portanto, se durante a aplicação de alguma atividade, o(a) aluno(a) ou algum participante se sentir desconfortável, por qualquer motivo, terá o direito de não realizar as tarefas propostas ou poderá desistir a qualquer momento da participação na pesquisa, sendo respeitado em sua decisão. Caso o(a) aluno(a) desista de participar ficará em outro espaço com os outros colegas realizando uma atividade. Nenhum participante será vítima de preconceito ou discriminação. O pesquisador adotará uma conduta ética e respeitosa com seus questionamentos e dos demais participantes, bem como, com seus valores sociais, culturais, morais e religiosos. Fará uso de uma linguagem clara e acessível para qualquer esclarecimento.

O(a) aluno(a) será acompanhado e assistido pela pesquisadora ao longo de todos os momentos de coleta de dados desta pesquisa. Durante todas essas etapas, todo o esforço será feito pelo pesquisador para que os riscos sejam minimizados, a partir de ações pontuais dentro da Unidade Escolar.

Como benefício esta pesquisa trará para o(a) aluno(a) participante da Escola Municipal Pastor Ricardo Parise, a apropriação de conhecimentos para sua formação, o desenvolvimento de atividades pedagógicas com o apoio de recursos digitais, auxiliando no processo de aprendizado em Artes e também nas demais disciplinas. Pois ao se apropriar do potencial das novas tecnologias, o aluno amplia seus horizontes de ação e encantamento em suas aulas, e ainda, a participação e interação com seus colegas, e em diferentes espaços da sociedade. Como benefício indireto, poderá contribuir para outras pesquisas na busca por estratégias para o aprendizado, usando as tecnologias digitais.

A participação do(a) aluno(a) no estudo não implicará em custos adicionais. O(a) aluno(a)não terá qualquer despesa com a realização das etapas desta pesquisa que serão custeadas pela pesquisadora responsável por essa proposta. Também não haverá nenhuma forma de pagamento pela participação do mesmo.

Assinando esse consentimento, o(a) aluno(a) não desiste de nenhum de seus direitos. Além disso, o(a) aluno(a) não libera os investigadores de suas responsabilidades legais e profissionais no caso de alguma situação que prejudique o participante. A participação nessa pesquisa é inteiramente voluntária.

É assegurado a garantia ao ressarcimento ao participante da pesquisa, das despesas realizadas pelo participante decorrentes da pesquisa, quando houver (Resolução CNS nº 510 de 2016, Artigo 17, Inciso VII). E o Responsável Legal pelo Aluno-Participante da pesquisa terá garantido o direito de solicitar indenização através das vias judiciais (Código Civil, Lei 10.406 de 2002, Artigos 927 a 954 e Resolução CNS nº 510 de 2016, Artigo 9º, Inciso VI), caso os direitos do aluno tenham sido violados.

Uma vez aceitando a participar dessa pesquisa, o(a) aluno(a) deverá se sentir livre para desistir da pesquisa a qualquer momento, sem que isso afete o seu relacionamento futuro, com esta instituição. O pesquisador também poderá retirar o participante do estudo a qualquer momento, se ela julgar que seja necessário para o bem-estar.

Em caso de dúvidas quanto à ética do estudo, o (a) responsável poderá se reportar ao Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos - subordinado ao Conselho Nacional de Ética em Pesquisa, órgão do Ministério da Saúde, através de solicitação ao representante de pesquisa, que estará sob contato permanente, ou contatando o Comitê de Ética em Pesquisa desta instituição, no telefone (21) 2215-1485.

É assegurado o completo sigilo da identidade do participante dessa pesquisa. Em nenhum momento serão publicados dados ou informações que possibilitem a identificação do aluno(a) dentro desta pesquisa, incluindo a apresentação dos resultados deste estudo em congressos e periódicos científicos.

Todos os dados físicos e digitais coletados serão sigilosamente armazenados sob a guarda e responsabilidade do pesquisador por um período de cinco (5) anos, e após esse período, eles serão excluídos permanentemente.

Diante do exposto nos parágrafos anteriores eu, firmado abaixo, acredito ter sido suficientemente informado(a) pela pesquisadora Elizabeth Gomes Andrade a respeito da pesquisa **"Os Povos Indígenas e o Ensino: Uso das Tecnologias Digitais como aliada nas aulas de Arte".**

Ficou clara para mim, a participação na pesquisa e a garantia de proteção e sigilo dos dados individuais. Foi oportunizado questionar a pesquisadora sobre todos os aspectos do estudo. Fui informado (a) de que o Registro de Consentimento Livre e Esclarecido é um procedimento exigido pelo Ministério da Saúde e que é possível, a qualquer tempo, desistir de participar do estudo sem qualquer prejuízo.

Este Registro foi emitido em duas vias, o pesquisador ficou com uma via e eu recebi uma via desse Registro que está por mim assinado(a) e assinada também pelo pesquisador/professor, e pelo presente concordo voluntariamente com a participação na pesquisa.

Nome do participante: _____

Endereço do participante:_____

Nome do responsável: _____

Assinatura do responsável: _____Data: ___/___/___.

Pesquisadora responsável: Elizabeth Gomes Andrade, Telefone: (21)995306701; e-mail: elizagandrade@yahoo.com.br.

Assinatura do pesquisador: _____Data: ____/____/_____

Orientadores responsáveis:

Professores: Regina Celia Pereira de Moraes, endereço profissional: Centro Universitário Carioca – UniCarioca. Av. Paulo de Frontin, 568 - Rio Comprido, Rio de Janeiro - RJ, 20261-063. Telefone: (21) 97123-6156, endereço eletrônico: relacionamento@unicarioca.edu.br

Comitê de Ética em Pesquisa da Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro

Rua Evaristo da Veiga n° 16 - 4° andar/ Sala 401 – Centro – CEP:20031-040 - Rio de Janeiro – RJ

Tel.: (21) 2215-145 E-mail: cepsms@rio.rj.gov.br ou cepsmsrj@yahoo.com.br

Rio PREFEITURA | SAÚDE

Apêndice II - TALE

TALE – Termo de Assentimento Livre e Esclarecido.

Projeto de Pesquisa: Os Povos Indígenas e o Ensino: Uso das Tecnologias Digitais como aliada nas aulas de Arte

Prezado(a) Aluno(a),

Você está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa Os Povos Indígenas e o Ensino: Uso das Tecnologias Digitais como aliada nas aulas de Arte, a ser realizada na E. M. Pastor Ricardo Parise. A justificativa da execução deste estudo é que este possa valorizar as identidades das culturas indígenas a partir de atividades que utilizem as tecnologias digitais. Deste modo, o estudo pretende realizar o respeito à diferença para abrir espaço a um ambiente favorável de discussões e reflexões sobre a diversidade cultural e os direitos dos indígenas.

Esta pesquisa tem por objetivo elaborar atividades em tecnologias digitais que visem valorizar as identidades das culturas indígenas. Os procedimentos adotados para esta pesquisa serão: roda de conversa sobre os indígenas, a importância da expressão e riqueza cultural da arte indígena e conhecer a arte contemporânea dos indígenas na atualidade. Serão aplicadas duas tecnologias digitais que envolvam a temática indígena na turma 603 da escola.

O (a) aluno(a) que der seu aceite para ser voluntário da pesquisa irá participar das atividades das propostas para a sua turma.

Quanto aos riscos, cabe ressaltar que, segundo a Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, em suas diretrizes e normas, indica que toda pesquisa com seres humanos envolve algum tipo de risco, sendo este caraterizado como a possibilidade de danos à dimensão física, psíquica, moral, intelectual, social, cultural do ser humano, em qualquer etapa da pesquisa e dela decorrente.

Enfatiza-se que os alunos convidados a participar da pesquisa tem total liberdade de escolherem participar da pesquisa ou não, sem que nada lhes seja pago ao cobrado para tal e quaisquer dúvidas sejam sanadas através da pesquisadora que adotará uma conduta ética e respeitosa com os questionamentos dos participantes, utilizando linguagem clara e acessível, e acrescenta-se que estes que aceitarem participar poderão em qualquer fase da pesquisa retirar seu consentimento, sem penalidades ou necessidade de justificativas.

Quaisquer potenciais riscos físicos, psicológicos, espirituais, morais, familiares, intelectuais, sociais e culturais serão cuidadosamente minimizados a partir de ações cabíveis dentro da Unidade Escolar. Para além, será garantida a indenização em caso de danos comprovadamente decorrentes da participação no projeto,

conforme decisão judicial ou extrajudicial, e também, caso haja necessidade, o ressarcimento de despesas de transporte e alimentação dos participantes.

Como benefício esta pesquisa trará para o(a) aluno(a) participante da Escola Municipal Pastor Ricardo Parise, a apropriação de conhecimentos para sua formação, o desenvolvimento de atividades pedagógicas com o apoio de recursos digitais, auxiliando no processo de aprendizado em Artes e também nas demais disciplinas. Pois ao se apropriar do potencial das novas tecnologias, o aluno amplia seus horizontes de ação e encantamento em suas aulas, e ainda, a participação e interação com seus colegas, e em diferentes espaços da sociedade. Como benefício indireto, poderá contribuir para outras pesquisas na busca por estratégias para o aprendizado, usando as tecnologias digitais.

A participação do (a) aluno(a) na pesquisa não implicará em custos adicionais. O/A aluno (a) não terá qualquer despesa com a realização das etapas desta pesquisa que serão custeadas pela pesquisadora responsável por essa proposta. Também não haverá nenhuma forma de pagamento pela participação dele.

Assinando esse consentimento, o (a) aluno(a) não desiste de nenhum de seus direitos. Além disso, o(a) aluno(a) não libera os investigadores de suas responsabilidades legais e profissionais no caso de alguma situação que prejudique o participante. A participação nessa pesquisa é inteiramente voluntária. Uma vez aceitando a participar dessa pesquisa, o(a) aluno(a) deverá se sentir livre para desistir da pesquisa a qualquer momento, sem que isso afete o seu relacionamento futuro com esta instituição.

É assegurado a garantia ao ressarcimento ao participante da pesquisa, das despesas realizadas pelo participante decorrentes da pesquisa, quando houver (Resolução CNS nº 510 de 2016, Artigo 17, Inciso VII). E o Responsável Legal pelo Aluno-Participante da pesquisa terá garantido o direito de solicitar indenização através das vias judiciais (Código Civil, Lei 10.406 de 2002, Artigos 927 a 954 e Resolução CNS nº 510 de 2016, Artigo 9º, Inciso VI), caso os direitos do Aluno tenham sido violados.

Em caso de dúvidas quanto à ética do estudo, o(a) aluno(a) poderá se reportar ao Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos - subordinado ao Conselho Nacional de Ética em Pesquisa, órgão do Ministério da Saúde, através de solicitação ao representante de pesquisa, que estará sob contato permanente, ou contatando o Comitê de Ética em Pesquisa desta instituição, no telefone (21) 2215-1485. Caso necessite de mais informações sobre a pesquisa, poderá procurar o pesquisador responsável pela mesma, professora Elizabeth Gomes Andrade, pelo telefone profissional (21) 995306701, ou pelo e-mail elizagandrade@yahoo.com.br.

Todas as informações da pesquisa serão confidenciais, sendo divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas, não incluindo apresentação de dados ou informações que possibilitem a identificação dos voluntários, sendo asseguradas a confidencialidade das informações e a privacidade dos participantes da pesquisa e dos não participantes presentes, bem como será preservada a privacidade de suas identidades, inclusive do uso de imagem e voz.

Todos os dados físicos e digitais coletados serão sigilosamente armazenados sob a guarda e responsabilidade da pesquisadora Elizabeth Gomes Andrade por um período de cinco (5) anos, e após esse período, eles serão excluídos permanentemente ou rasgados e incinerados.

Diante do exposto nos parágrafos anteriores eu, firmado abaixo, acredito ter sido suficientemente informado(a) pela pesquisadora Elizabeth Gomes Andrade a respeito da pesquisa **"Os Povos Indígenas e o Ensino: Uso das Tecnologias Digitais como aliada nas aulas de Arte". Ficou clara para mim, a participação na pesquisa e a garantia de proteção e sigilo de meus dados individuais. Foi oportunizado questionar a pesquisadora sobre todos os aspectos do estudo. Fui informado (a) de que o Registro de Consentimento Livre e Esclarecido é um procedimento exigido pelo Ministério da Saúde e que é possível, a qualquer tempo, desistir de participar do estudo sem qualquer prejuízo. Este Registro foi emitido em duas vias, o pesquisador ficou com uma via e eu recebi uma via desse Registro que está por mim assinado(a) e assinada também pelo pesquisador/professor, e pelo presente concordo voluntariamente com minha participação na pesquisa.

Nome do aluno participante: _____

Endereço do participante:_____

Assinatura do aluno: _____Data: ___/___/____.

Nome e assinatura do Responsável Pelo Aluno (se menor de idade):

_____

Assinatura do pesquisador: _____Data: ____/____/_____.

Pesquisadora responsável: Elizabeth Gomes Andrade, Telefone: (21)995306701; e-mail: elizagandrade@yahoo.com.br.

Orientadores responsáveis:

Professores: Regina Celia Pereira de Moraes, endereço profissional: Centro Universitário Carioca – UniCarioca. Av. Paulo de Frontin, 568 - Rio Comprido, Rio de Janeiro - RJ, 20261-063. Telefone: (21) 97123-6156, endereço eletrônico: relacionamento@unicarioca.edu.br

Comitê de Ética em Pesquisa da Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro

Rua Evaristo da Veiga n° 16 - 4° andar/ Sala 401 – Centro – CEP:20031-040 - Rio de Janeiro – RJ

Tel.: (21) 2215-145 E-mail: cepsms@rio.rj.gov.br ou cepsmsrj@yahoo.com.br

Rio PREFEITURA | SAÚDE

ANEXOS

Anexo I - Termo de Anuência Institucional

ACEITE INSTITUCIONAL

A Sra. Monica Cristina de Souza Freitas diretora geral, da Escola Municipal Pastor Ricardo Parise, está de acordo com a realização da pesquisa Os Povos Indígenas e o Ensino: Uso das Tecnologias Digitais como aliada nas aulas de Arte de responsabilidade do(a) pesquisador(a) aluno(a) Elizabeth Gomes Andrade do MPNTDE – Mestrado Profissional em Novas Tecnologias Digitais em Educação da Unicarioca e que é aluna desta instituição.

Esta pesquisa será realizada sob orientação do(a) *Professor(a)* Regina Célia Pereira de Moraes, após revisão e aprovação pelo CEP/SMS - Comitê de Ética em Pesquisa da Secretaria Municipal de Saúde. O estudo e pesquisa envolvem a realização de duas Atividades 50 minutos cada uma, sob o assunto "A Arte Indígena na Sala de Aula". A amostra de alunos que participarão da pesquisa será de 30 alunos, da turma 603. Os outros alunos da turma que não participarão da pesquisa ficarão na Biblioteca com a Bibliotecária, fazendo os mesmos exercícios que os alunos da amostra estarão fazendo. Planejamos o cronograma da pesquisa com uma duração de aproximadamente 2 meses, com previsão de início em 19/02/24 e término em 21/04/24.

Assim, eu, **Elizabeth Gomes Andrade**, professora da disciplina de Arte da Escola Pastor Ricardo Parise declaro conhecer e cumprir as Resoluções Éticas Brasileiras, em especial a Resolução CNS 466/12 e 510/2016. Esta instituição está ciente de suas co-responsabilidades como instituição participante do presente projeto de pesquisa, e de seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos sujeitos de pesquisa nela recrutados, dispondo de infra-estrutura necessária para a garantia de tal segurança e bem-estar.

São Gonçalo, 18 de dezembro de 2023.

Mônica Cristina de Souza Freitas

Nome do(a) responsável pela instituição

Mônica C. S. Freitas
Diretora Geral
Mat. 15285

Assinatura e carimbo do(a) responsável pela instituição

Comitê de Ética em Pesquisa da Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro

Rua Evaristo da Veiga nº 16 - 4º andar/ Sala 401 – Centro – CEP:20031-040 - Rio de Janeiro – RJ

Tel.: (21) 2215-145 E-mail: cepsms@rio.rj.gov.br ou cepsmsrj@yahoo.com.br

Anexo II – Aprovação da Plataforma Brasil para a realização do campo

SECRETARIA MUNICIPAL DE SAÚDE DO RIO DE JANEIRO - SMS/RJ

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Os Povos Indígenas e o Ensino: Uso das Tecnologias Digitais como aliada nas aulas de Arte

Pesquisador: ELIZABETH GOMES ANDRADE

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 76300523.1.0000.5279

Instituição Proponente: ASSOCIACAO CARIOCA DE ENSINO SUPERIOR

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.628.844

Apresentação do Projeto:

Trata-se de projeto de dissertação apresentado ao Program de Mestrado Profissional de Novas Tecnologias Digitais em Educação da UNICARIOCA que será desenvolvido na Escola Municipal Pastor Ricardo Perise da Prefeitura de São Gonçalo. Os textos da Apr. do projeto, Objetivo da Pesquisa da Avaliação de Riscos e Benefícios foram copiados do doc. Inf Básicas.

"Resumo:

A Visibilidade Indígena representa o tema desta dissertação intitulada Os Povos Indígenas e o Ensino: Uso das Tecnologias Digitais como aliada nas aulas de Arte. A respeito deste tema, é importante trazer a valorização dos povos originários. Esta pesquisa questiona a respeito do seguinte problema: superação de imagens exóticas e folclorizadas dos povos indígenas que ainda são usadas em sala de aula. A Lei no 11.645/2008 que determinou a inclusão da história e culturas indígenas nos currículos da Educação Básica, vem exigindo maiores conhecimentos, reflexões e novas práticas pedagógicas. Acredita-se que quebrar os estigmas que a visão eurocêntrica sempre nos impôs por visões críticas seja um caminho, para tanto usaremos o apoio das tecnologias digitais. Esta dissertação tem como objetivo elaborar atividades que visem valorizar as identidades das culturas indígenas. Assim como, propor soluções em tecnologias digitais que afetem positivamente o desempenho em Arte durante os anos do ensino fundamental II e também a leitura crítica de imagens. A Pesquisa Participante destaca-se como metodologia

Endereço: Rua Evaristo da Veiga, 16, 4º andar
Bairro: Centro **CEP:** 20.031-040
UF: RJ **Município:** RIO DE JANEIRO
Telefone: (21)2215-1485 **E-mail:** cepsmsrj@yahoo.com.br

estruturante desta dissertação. Aponta-se que certos autores serão primordiais para o progresso desta dissertação, a saber: SILVA (2012), que colabora para a valorização da história indígena; assim como GOBBI (2010), que disserta sobre a imagem do indígena nas escolas e BARBOSA (2012), que trata da leitura crítica da imagem. Para coleta dos dados será utilizada a pesquisa informal com os professores de primeiro e segundo segmentos da unidade escolar. Já para a análise de dados será utilizada a técnica da pesquisa qualitativa. Espera-se ao final refletir sobre a necessidade de se trabalhar a temática indígena na escola sob uma perspectiva intercultural e decolonial.

Metodologia Proposta:
Será utilizada a Pesquisa Participante como procedimento pois na escola só há uma professora da disciplina de Artes. Sendo assim, esta será a pesquisadora e a professora regente. Foram utilizadas as seguintes etapas: Conversa com os professores: Será feita uma Preliminar de Campo com o objetivo de fazer um roteiro de perguntas para iniciar a sondagem de como os professores da escola trabalham em suas aulas, a temática indígena.

Metodologia de Análise de Dados:
A Metodologia é qualitativa e será desenvolvida a partir das seguintes etapas e fases: Etapa 01 - Pesquisa Preliminar A pesquisa Preliminar vai considerar o seguinte Roteiro, tendo em vista obter a percepção de como os professores percebem Os Povos Indígenas e o Ensino. Será usado o whatsapp. Serão respeitadas as diretivas de uso do ambiente virtual no WhatsApp, explicitando de acordo com o Ofício no 2 o encaminhamento pela plataforma WhatsApp das perguntas e respostas do Roteiro de perguntas. Nenhum professor deve ser identificado, fornecendo apenas os seguintes dados: Formação e Experiência Profissional. Nesta etapa os respondentes não devem ser identificados, não sendo necessário a assinatura de Protocolos. Roteiro de perguntas:1. Você acha importante abordar as culturas indígenas nas escolas?2. Em suas aulas, você trabalha com a temática indígena?3. Caso você trabalhe, descreva algo, como uma atividade ou um projeto que já tenha desenvolvido com seus alunos.4. Que valores da identidade indígena considera que podem fortalecer a educação integral das crianças e adolescentes nas escolas hoje?5. Acredita que as tecnologias possam ajudar na valorização da identidade indígena, ajudando a fortalecer as habilidades cognitivas? Etapa 02 – Pesquisa de Campo Nesta etapa serão estudadas e compiladas as respostas dos professores respondentes do Roteiro de perguntas acima registrado, e a partir dos estudos da professora pesquisadora autora deste trabalho, será selecionada a tecnologia a ser

usada, bem como será desenhado o arcabouço dos produtos tecnológicos a serem aplicados em sala de aula. A partir deste conjunto serão elaborados dois Produtos Tecnológico a serem aplicados em sala de aula, respectivamente nas etapas 2 e 3. Nestas etapas teremos os Protocolos TCLE que será entregue a todos os pais de alunos e o TALE que será entregue a todos os alunos. Somente participarão da pesquisa os alunos que trouxerem o TALE assinado pelos Responsáveis e o TCLE também assinado pelo Responsável legal. Os que não assinarem, embora participem da aula, não serão contabilizados na pesquisa. Nesta Etapa 02 serão realizadas as seguintes fases: Fase 01 – Seleção da tecnologia e desenho do Produto Tecnológico a ser aplicado em sala de aula com os alunos. Fase 02 - Aplicação em aula do Produto Tecnológico. Fase 03 - Exercício de Avaliação usando o Produto tecnológico. Fase 04 - Desenvolvimento do E-BOOK contendo a metodologia da pesquisa.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Elaborar atividades em tecnologias digitais que visem valorizar as identidades das culturas indígenas.

Objetivo Secundário:

. Investigar através de entrevistas como os profissionais utilizam a temática indígena em suas aulas. . Avaliar as informações preliminares.

. Propor soluções em tecnologias digitais que afetem positivamente o desempenho em Arte durante os anos do ensino fundamental I e II.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Os professores podem ser mobilizados de forma cognitiva a entenderem que as tecnologias podem resolver o problema da inclusão da valorização da temática indígena. Para minimizar os riscos deste entendimento enviesado, a pesquisadora responsável pelo projeto terá o cuidado de conversar com os professores sobre o papel das novas tecnologias digitais como mais um recurso que pode auxiliar os alunos.

Benefícios:

Criar no ambiente escolar uma cultura de uso das tecnologias para a promoção da inclusão e aprendizado do educando.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de estudo relevante com apresentação de produtos adequados a um Mestrado Profissional. O referencial teórico está adequado.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Foram todos apresentados na forma egulamentar.

Recomendações:

Sem recomendações.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

1- Esclarecer se os dados já foram coletados sem a aprovação do projeto pelo CEP.
- DEVIDAMENTE ESCLARECIDO.

2- Rever o nome do Registro para os alunos menores de idade.
- REVISTO

4- Rever o texto do Registro de Consentimento dos responsáveis por ter copiado o dos alunos sem a necessária adequação.
- REVISTO

5- Retirar a hipótese que não se adequa ao estudo.N
- RETIRADO

6- No 2o. parágrafo do Aceite Institucional falta o quantitativo De alunos da turma 603. - CORRIGIDO DEVIDAMENTE

Não há pendências.

Considerações Finais a critério do CEP:

Sr.(a) Pesquisador(a),

Atentamos que o pesquisador deve desenvolver a pesquisa conforme delineada no protocolo aprovado, exceto quando perceber risco ou dano não previsto ao sujeito participante ou quando constatar a superioridade de regime oferecido a um dos grupos da pesquisa que requeiram ação imediata (item V.3., da Resolução CNS/MS Nº 466/12). Qualquer necessidade de modificação no curso do projeto deverá ser submetida à apreciação do CEP/SMS-RJ como emenda. Deve-se

aguardar o parecer favorável do CEP/SMS-RJ antes de efetuar a modificação. Atentar para a necessidade de atualização do cronograma da pesquisa.

Caso ocorra alguma alteração no financiamento do projeto ora apresentado (alteração de patrocinador, modificação no orçamento ou copatrocínio), o pesquisador tem a responsabilidade de submeter uma emenda ao CEP/SMS-RJ solicitando as alterações necessárias. A nova Folha de Rosto a ser gerada deverá ser assinada nos campos pertinentes e anexada novamente na Plataforma Brasil para análise deste CEP/SMS-RJ.

O CEP/SMS-RJ deve ser informado de todos os efeitos adversos ou fatos relevantes que alterem o curso normal do estudo (item V.5., da Resolução CNS/MS Nº 466/12). É papel do pesquisador assegurar medidas imediatas adequadas frente a evento adverso grave ocorrido (mesmo que tenha sido em outro centro) e ainda enviar notificação à ANVISA – Agência Nacional de Vigilância Sanitária, junto com seu posicionamento. Eventuais modificações ou emendas ao protocolo devem ser apresentadas a este CEP/SMS-RJ, identificando a parte do protocolo a ser modificada e suas justificativas.

Acrescentamos que o participante da pesquisa tem a liberdade de recusar-se a participar ou de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma e sem prejuízo ao seu cuidado (item IV.3 .d., da Resolução CNS/MS Nº 466/12) e deve receber uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, na íntegra, por ele assinado (item IV.5.d., da Resolução CNS/MS Nº 466/12).

Ressaltamos que o pesquisador responsável por este Protocolo de Pesquisa deverá apresentar a este Comitê de Ética um relatório das atividades desenvolvidas no período de 12 meses a contar da data de sua aprovação (item X.1.3.b., da Resolução CNS/MS Nº 466/12).

Caso haja interrupção do projeto ou não publicação dos resultados, solicitamos justificar fundamentalmente ao CEP/SMS-RJ.

Quando se tratar de pesquisas com seres humanos em instituições integrantes do Sistema Único de Saúde (SUS), os procedimentos não deverão interferir na rotina dos serviços de assistência à saúde, a não ser quando a finalidade do estudo o justificar, e for expressamente autorizado pelo dirigente da instituição.

As pesquisas realizadas em instituições integrantes do SUS devem atender aos preceitos éticos e de responsabilidade do serviço público e de interesse social, não devendo ser confundidas com as atividades de atenção à saúde.

Este parecer possui validade de 12 meses a contar da data de sua aprovação.

Endereço: Rua Evaristo da Veiga, 16, 4º andar
Bairro: Centro **CEP:** 20.031-040
UF: RJ **Município:** RIO DE JANEIRO
Telefone: (21)2215-1485 **E-mail:** cepsmsrj@yahoo.com.br

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2213850.pdf	18/12/2023 17:08:49		Aceito
Outros	Resposta_Parecer_Consubstanciado_Elizabeth_Gomes.docx	18/12/2023 16:57:38	ELIZABETH GOMES ANDRADE	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	NOVA_BROCHURA_Vs_BETA_DO_PROJETO_PARA_PLATAFORMA_BRASIL_ELIZABETH.docx	18/12/2023 16:52:37	ELIZABETH GOMES ANDRADE	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_RESPONSAVEL.doc	18/12/2023 16:48:16	ELIZABETH GOMES ANDRADE	Aceito
Orçamento	ORCAMENTO_PROJETO.docx	18/12/2023 16:45:01	ELIZABETH GOMES ANDRADE	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA_PROJETO.docx	18/12/2023 16:43:40	ELIZABETH GOMES ANDRADE	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TAI_DA_ESCOLA.pdf	18/12/2023 16:42:28	ELIZABETH GOMES ANDRADE	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_PROFESSOR.docx	18/12/2023 16:37:42	ELIZABETH GOMES ANDRADE	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TALE_ALUNO.docx	14/12/2023 09:04:21	ELIZABETH GOMES ANDRADE	Aceito
Folha de Rosto	FOLHA_DE_ROSTO.pdf	03/11/2023 12:24:09	ELIZABETH GOMES ANDRADE	Aceito
Declaração de Pesquisadores	DECLARACAO_DE_VERACIDADE.pdf	03/11/2023 12:22:03	ELIZABETH GOMES ANDRADE	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCUD_TERMO_DE_COMPROMISSO.pdf	03/11/2023 12:18:12	ELIZABETH GOMES ANDRADE	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	DECLARACAO_DE_AUSENCIA_DE_CUSTOS.pdf	03/11/2023 12:16:17	ELIZABETH GOMES ANDRADE	Aceito

Situação do Parecer:
Aprovado

Endereço: Rua Evaristo da Veiga, 16, 4º andar
Bairro: Centro **CEP:** 20.031-040
UF: RJ **Município:** RIO DE JANEIRO
Telefone: (21)2215-1485 **E-mail:** cepsmsrj@yahoo.com.br

Necessita Apreciação da CONEP:
Não

RIO DE JANEIRO, 30 de Janeiro de 2024

Assinado por:
Salesia Felipe de Oliveira
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Evaristo da Veiga, 16, 4º andar
Bairro: Centro **CEP:** 20.031-040
UF: RJ **Município:** RIO DE JANEIRO
Telefone: (21)2215-1485 **E-mail:** cepsmsrj@yahoo.com.br